



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS-DCHT
CAMPUS XVIII

MAILANE ALMEIDA BATISTA

TUNGSTÊNIO: os aspectos de uma Salvador desenhada por Marcello Quintanilha

EUNAPOLIS/BA

2021

MAILANE ALMEIDA BATISTA

TUNGSTÊNIO: os aspectos de uma Salvador desenhada por Marcello Quintanilha

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial
para obtenção do grau de licenciada em História.
Orientadora: Prof^ª. Ma. Maria Sandra da Gama.

EUNAPOLIS/BA

2021

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças e me guiar até o fim desta graduação.

Agradeço a minha mãe Maria da Glória que sempre me apoiou e motivou para que eu concluísse essa graduação, sempre me motivando a ter um curso superior mesmo não imaginando que fosse para a área de licenciatura. Agradeço ao meu pai Luiz Carlos e meu irmão mais velho Luiz Marcos pelo apoio para estar em uma universidade.

Agradeço pela segunda família que ganhei na UNEB, Jorge, Matheus e Renata, que caminharam junto comigo me dando força e me apoiando sempre, um carinho especial que tenho por eles, e a todos os meus colegas da turma de licenciatura em História de 2015.1 que caminharam junto comigo nesta apelidada, carinhosamente, Caverna do Dragão, Luciara, com a qual divido as angústias das orientações e produções do TCC, Rubens com o qual fiz muitos trabalhos em parceria, e aos meus outros colegas os quais também tenho carinho Larissa, Luana, Polyandra, Sheila e Vanessa sendo uma longa jornada de Uneb juntos.

Agradeço a todos os meus amigos que compartilharam comigo a felicidade por eu estar em uma universidade.

Agradeço imensamente pela minha grande orientadora Maria Sandra da Gama, por sua imensa paciência comigo e me ensinar com muito zelo.

Agradeço a todos os professores que lecionaram para mim e minha turma, pois sei do papel importante que cumprem para com a educação, transformaram a minha vida e contribuíram muito para meu crescimento como pessoal e profissional.

Agradeço todos os funcionários da Uneb, dos setores da limpeza, informática, biblioteca, protocolo, colegiado e Nupe, que colaboraram direta e indiretamente para minha formação.

E por fim agradeço a Universidade do Estado da Bahia por me proporcionar esta oportunidade de ter minha graduação em um curso de nível superior.

Resumo

Esta pesquisa se alinha às ideias daqueles que concebem as HQs não somente como um objeto lúdico, mas, também, como uma ferramenta de estudos. Dessa forma, *Tungstênio* se constitui como fonte histórica na qual empenhei análises objetivando compreender a novela gráfica *Tungstênio*, considerando-se aí todos os elementos que a compõe como: texto, traços, cores, enquadramento, em diálogo com a trajetória do autor, Marcello Quintanilha, e o contexto da sua criação para, em seguida, mapear a cidade de Salvador e as personagens em cena, discutindo sobre as características e especificidades desses dois universos criados pelo autor. A investigação tem como aporte teórico os autores Geovani Levi (2006) que trabalha com a biografia como um canal para os questionamentos e entendimentos com relação a atos, pensamentos da vida cotidiana, que refletem sobre determinado indivíduo e contexto, em que documentos por si só não preenchem as lacunas para compreensão de um fato. Com o propósito de compreender a relação desigual de gênero, esta discussão se baseou no ponto de vista da autora Joan W. Scott (1989) de maneira que a exploração dos estudos sobre este conceito cooperou para dar visibilidade às mulheres no sentido de contribuir para a compreensão do surgimento dos preconceitos sofridos pelas mulheres ao longo da história. Em diálogo com esses autores a pesquisa pretendeu construir um debate acerca de uma HQ brasileira tendo como palco a cidade de Salvador. Deste modo, empreendi o trabalho metodológico de catalogar as entrevistas do autor em estudo, selecionando dados em consonância com o objetivo traçado para o presente artigo através dessa ação foi se delineando melhor o entendimento sobre a pesquisa acadêmica e os aspectos que a compõe, em especial, na catalogação das entrevistas se cristalizou um entendimento melhor sobre pontos de vista e as influências sobre a composição de *Tungstênio*. Já num segundo momento deu-se a elaboração da análise da fonte e de todos os materiais obtidos ao longo da pesquisa, buscando interpretar os elementos, os enquadramentos e os aspectos que constroem as imagens em *Tungstênio*. Nesta perspectiva metodológica o estudo de Paulo Ramos (2018) se constituiu numa importante bússola na análise do gênero analisado, já que seu tal estudo se configura numa crítica aprofundada dos quadrinhos em relação a suas características, traços, cores, ângulos, linguagens, contribuindo assim para a análise aprofundada da. Neste sentido, foi possível perceber, com base na reflexão biográfica, que o autor em seu processo de aprendizagem conseguiu transmitir, em suas obras, um sentimento de verossimilhança aos seus leitores. Com isso se assimilou que Quintanilha teve o cuidado para não criar estereótipos, partindo de uma observação criteriosa para a construção dessa Salvador apresentada em *Tungstênio*, apresentando temática como violência contra a mulher a fim de tratar de uma problemática relevante para o público que consome este tipo de literatura.

Palavras-chave: História em quadrinhos. *Tungstênio*. Fonte histórica. Salvador. Relações de gênero.

Abstract

This research is in line with the ideas of those who conceive of comics not only as a playful object, but also as a study tool. In this way, *Tungsten* constitutes a historical source in which I made analyzes aiming to understand the graphic novel *Tungsten*, considering all the elements that compose it, such as: text, lines, colors, framing, in dialogue with the author's trajectory, Marcello Quintanilha, and the context of its creation to then map the city of Salvador and the characters on stage, discussing the characteristics and specificities of these two universes created by the author. The investigation has as theoretical support the authors Geovani Levi (2006) who works with biography as a channel for questions and understandings regarding acts, thoughts of everyday life, which reflect on a particular individual and context, in which documents alone they do not fill in the gaps for understanding a fact. In order to understand the unequal relationship of gender, this discussion was based on the point of view of the author Joan W. Scott (1989) so that the exploration of studies on this concept cooperated to give visibility to women in order to contribute to the understanding of the emergence of prejudice suffered by women throughout history. In dialogue with these authors, the research intended to build a debate about a Brazilian comic book having the city of Salvador as its stage. Thus, I undertook the methodological work of cataloging the interviews of the author under study, selecting data in line with the objective outlined for this article, through this action, the understanding of academic research and the aspects that compose it was better delineated, in particular, in the cataloging of the interviews, a better understanding of points of view and influences on the composition of *Tungsten* crystallized. In a second moment, the analysis of the source and all the materials obtained during the research took place, seeking to interpret the elements, frameworks and aspects that build the images in *Tungsten*. In this methodological perspective, the study by Paulo Ramos (2018) constituted an important compass in the analysis of the analyzed genre, as his study is configured in an in-depth critique of comics in relation to their characteristics, features, colors, angles, languages, thus contributing for in-depth analysis of. In this sense, it was possible to perceive, based on the biographical reflection, that the author, in his learning process, managed to transmit, in his works, a feeling of verisimilitude to his readers. With this, it was assimilated that Quintanilha was careful not to create stereotypes, starting from a careful observation for the construction of this Salvador presented in *Tungsten*, presenting a theme such as violence against women in order to address a relevant issue for the public that consumes this type of literature.

Keywords: Comic. *Tungsten*. Historical source. Savior. Gender relations. .

Lista de Ilustrações

Figura 01: <i>Todos os Santos</i> , 2018, p.19.....	20
Figura 02: <i>Todos os Santos</i> , 2018, p.34-35.....	21
Figura 03: <i>Todos os Santos</i> , 2018, p.70-71.....	22
Figura 04: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.178.....	23
Figura 05: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.7.....	28
Figura 06: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.8-9.....	30
Figura 07: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.12-13.....	31
Figura 08: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.10-11.....	33
Figura 09: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.20-21.....	34
Figura 10: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.22-23.....	35
Figura 11: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.36-37.....	36
Figura 12: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.62-63.....	38
Figura 13: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.66-67.....	30
Figura 14: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.80.....	40
Figura 15: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.98.....	41
Figura 16: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.108.....	42
Figura 17: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.176-177.....	43
Figura 18: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.179.....	44
Figura 19: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.150.....	46
Figuras 20 e 21: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.157-158.....	47
Figuras 22: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.173.....	48
Figura 23: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.65.....	51
Figura 24: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.132-133.....	52
Figura 25: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.140-41.....	53
Figura 26: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.144-145.....	55
Figura 27: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.146-147.....	56
Figura 28: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.148.....	57
Figura 29: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.164.....	58
Figura 30: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.168-169.....	59
Figura 31: <i>Tungstênio</i> , 2014, p.170.....	60

Sumário

1 MARCELLO QUINTANILHA E SUA TRAJETÓRIA NO UNIVERSO DOS QUADRINHOS.....	12
1.2 O “EU” DESENHADO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	17
2 A SALVADOR DESENHADA POR MARCELLO QUINTANILHA.....	27
2.2 MUSICALIDADE E SUA INTENCIONALIDADE IMPRESSAS EM TUNGSTÊNIO.....	40
2.3 AS IDENTIDADES E AS TEMÁTICAS EM TUNGSTÊNIO.....	47
3 A RELAÇÃO DESIGUAL DE GÊNERO TRAÇADA EM TUNGSTÊNIO.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma paixão e angústia de não saber o que fazer como trabalho de conclusão de curso... O universo dos quadrinhos faz parte da minha vida desde quando eu estudava no Ensino Fundamental, quando íamos para a biblioteca nas aulas de português em que tínhamos que escolher um livro para levarmos para casa, meu primeiro contato com a arte sequencial se deu por meio da história da *Turma da Mônica* do autor Maurício de Souza. Já adulta, me aproximei do universo *Marvel* acompanhando toda a cinematografia inspirada nestes quadrinhos, aumentando então uma paixão por este universo.

Já na universidade, cursando a disciplina Laboratório de Ensino de História: Literatura e Quadrinhos surgiu o desejo de trabalhar com uma pesquisa relacionada com os quadrinhos. Com a angústia por não saber o que pesquisar, marquei com a professora Sandra Gama que depois se tornou minha orientadora para ter uma luz sobre o que pesquisar, pois o mercado dos quadrinhos é vasto e a pesquisa acadêmica sobre essas fontes precisa cumprir uma relevância histórica para ser feita, pois é um curso de licenciatura em história. A partir daí começamos a pesquisar por histórias em quadrinhos chegando a *Tungstênio*, surgindo o interesse com a história por se passar em Salvador um lugar de proximidade da região onde moro, mesmo eu não conhecendo a região.

Tungstênio conta uma história de um crime ambiental que se passa em Salvador e envolve quatro personagens, Keira, esposa de um policial, Richard, Sr. Ney ex-sargento e Marcos Vinícios (Caju) traficante, a história começa quando Caju encontra Sr. Ney no forte de Monte Serrat e o ex-sargento começa a falar sobre as máfias da Tv brasileira, quando os dois ouvem os barulhos das bombas explodindo, eles, então vão até o local e observam de longe, quando Sr. Ney resolve tomar a iniciativa em denunciar os pescadores, neste momento Richard é envolvido por meio da ligação de Caju fazendo denúncia sobre o crime no forte, enquanto Keira, esposa do policial, vive momento de conflito interno e uma crise no casamento com Richard. A história narra, ao mesmo tempo, fragmentos da vida dos quatro personagens, sendo contadas as quatro histórias ao mesmo tempo, com um uso dos *flashbacks* e com transições entre quadros.

No primeiro momento do presente trabalho, coletou-se dados por meio de uma pesquisa bibliográfica entrevistas concedidas pelo autor, Marcelo Quintanilha, em sites diversos, em sua autobiografia intitulada *Todos os Santos*, e também na plataforma do *You Tube*, a catalogação dessas entrevistas deram suporte para melhor entender os pontos de vista e as suas influências do autor ao criar *Tungstênio*. Com a coleta dos dados, seguiu-se as

análises da fonte e de todos os materiais obtidos ao longo da pesquisa, buscando interpretar os elementos, os enquadramentos e os aspectos que construídos nas imagens *Tungstênio*.

Essa pesquisa se orientou a partir dos seguintes questionamentos: Qual a imagem que Marcello Quintanilha constrói de Salvador? Qual imagem ele quer passar ao leitor do seu quadrinho *Tungstênio*? Que episódios vividos ou experienciados por Marcello Quintanilha, em sua trajetória, marcaram episódios narrados em *Tungstênio*? E como eles são ou estão (re)elaborados? Em que contexto histórico a produção da história em quadrinhos *Tungstênio* está inserida? Quais aspectos, características e especificidades em *Tungstênio* dialogam com as relações humanas? E com a cidade real? Como as temáticas apresentadas na HQ de Marcelo Quintanilha contribuem para produção da redação de textos acadêmicos? Com o objetivo de analisar a novela gráfica, foi preciso considerar todos os elementos que a compõe como: texto, traços, cores, enquadramento, fazendo isso também em diálogo com a trajetória do autor e o contexto da sua criação para, em seguida, mapear a cidade do Salvador e as personagens em cena, discutindo sobre as características e especificidades desses dois universos criados pelo autor.

Seguindo a linha de compreensão dos estudos sobre a linguagem dos quadrinhos, autores como Waldomiro Vergueiro (2017) fazem uma ampla abordagem sobre a pesquisa acadêmica com relação a histórias em quadrinhos fazendo um panorama histórico sobre a solidificação da pesquisa nos EUA e também no Brasil, referenciada como 9ª arte a partir da década de 1970. As *Graphic Novels* possibilitaram adaptações de narrativas com temáticas relacionadas ao meio social, fazendo com que seus autores repensassem sobre as produções tradicionais. Para Vergueiro mesmo que com diversas versões sobre o surgimento dos quadrinhos, estas nasceram ligadas considerado meio de comunicação com as grandes massas.

Waldomiro Vergueiro (2017) afirma que os surgimentos dos quadrinhos ingressaram no meio universitário brasileiro na década de 1960, de modo que a primeira pesquisa formal sobre o tema foi coordenada pelo professor José Marques de Melo no centro de pesquisas da comunicação social da faculdade de jornalismo Cásper Líbero, na cidade de São Paulo, realizada por um grupo de estudantes em 1967, de maneira que o projeto compreendeu dois tipos de análises: a primeira consistiu no levantamento de muitas informações como, revistas editadas, tiragem, distribuição, pessoal técnico, processo produtivo, normas, códigos de ética e dados sobre o público leitor. Em sua segunda etapa adotando um tratamento metodológico de natureza qualitativa, envolveu a análise de 25 revistas, selecionadas aleatoriamente pelas empresas brasileiras do ramo dos quadrinhos, procurando caracterizar a mensagem enviada para o público leitor, com análises sociológica, psicológica, antropológica e linguística. Os

dados coletados retrataram a realidade daquele momento, proporcionando um panorama da forma como funcionava a indústria dos quadrinhos no país na década de 60.

A discussão desses dados é relevante para compreendermos as contribuições das pesquisas com relação às temáticas e como se deu a estruturação do estudo voltado para os quadrinhos. De forma que buscou-se ao longo das formulações das pesquisas sobre as artes sequenciais pautando posturas críticas para refletir sobre os aspectos ideológicos apresentados na elaboração das HQs.

Waldomiro Vergueiro (2017) ainda contribui com as tipologias de pesquisadores apontando-os em seu livro: o entusiasta, que se interessa pela pesquisa surge por questão de predileção pessoal conhecidos como *nerds* e *geeks* os que são ávidos a leitura dos quadrinhos; o praticante, autores em histórias em quadrinhos, tanto profissionais como amadores com maior ou menor experiência na produção ou mesmo na publicação de HQ (história em quadrinhos), buscando refletir cientificamente sobre seu trabalho. O visitante que se aproximou das histórias em quadrinhos meio que por acaso, por indicação ou incentivo de alguma pessoa ou por descobrir uma obra ou um autor de história em quadrinhos que lhe tocou de forma especial. O convertido é alguém que pelo contato a produção quadrinista, muitas vezes pela aplicação da linguagem das histórias em determinadas áreas, acaba se convencendo da importância e decide se aprofundar o que antes surgiu apenas como curiosidade. Não é importante que o pesquisador se enquadre em uma dessas categorias, ou se enquadre exclusivamente a apenas uma, para Vergueiro estas categorias são apenas indicativo, contribui apenas para uma análise de modo geral.

O autor ainda colabora com as perspectivas de estudos citando-os alguns como, por exemplo, a psicológica, artística, econômica e financeira, a histórica, e a filosófica, cada uma auxilia para dar pontos de vista possíveis para pesquisar uma história em quadrinhos, pois é a partir desta definição, a análise pode ser aprofundada, de modo que uma não exime a outra, por isso um trabalho acadêmico pode-se equivaler com mais de uma destas perspectivas.

Posto isso, no intuito de compreender melhor a narrativa do quadrinho, no primeiro tópico foi feita uma análise do discurso com base na história oral para refletir os aspectos da vida de Quintanilha que influenciaram nas produções de suas obras. A discussão da biografia para a historiografia se dá no romantismo na construção da narrativa a respeito da vida do sujeito. Nesse sentido, a análise biográfica se faz relevante para entender o contexto que documentos foram escritos e o que não está presente no mesmo, entender o processo de criação por trás de *Tungstênio* com o auxílio da análise biográfica do autor da história em

quadrinho contribui para a análise literária aprofundada a fim de conectar alguns aspectos da experiência de vida do autor na composição de sua obra.

Para Giovanni Levi (2006) a biografia abre todo tipo de problema dentro de fronteiras bem definidas, de modo que esta contribui para uma análise das relações entre as regras e práticas sociais, bem como as mais complexas referentes ao limite de liberdade e racionalidade humana. A biografia é um canal para os questionamentos e entendimentos com relação aos atos, aos pensamentos da vida cotidiana, dos momentos contraditórios que refletem sobre determinado indivíduo em um determinado contexto, em que documentos por si só não preenchem as lacunas para compreensão de um fato. De fato,

Para o homem a linguagem é o ar que respira e a extensão de si projetada: por um lado, falando, escrevendo, ouvindo, gesticulando, desenhando, fotografando etc.; por outro, ouvindo, lendo, vendo e observando. Entendê-la e usá-la é uma necessidade da vida pessoal e social. Neste sentido, os linguistas têm procurado, cada vez mais, compreender e descrever melhor sua natureza, seus recursos de expressão. (RAMOS, 2018, p.7)

Isto é, para Paulo Ramos (2018) a linguagem e sua compreensão em sua totalidade é necessária na comunicação humana, esta possui várias modalidades para compreensão das representações da fala e do pensamento, neste sentido ele contribui com a obra intitulada *A leitura dos quadrinhos* que discorre sobre o vasto campo da linguagem nas histórias em quadrinhos e suas contribuições para tal compreensão da mesma, com isso utiliza do termo gênero¹ no sentido de construir uma crítica aprofundada dos quadrinhos com relação as suas características, contribuindo assim para a análise da fonte no segundo tópico.

Deste modo, foi possível analisar as imagens de Salvador e das personagens da cidade impressas em *Tungstênio* por Marcello Quintanilha, identificando os temas abordados através da HQ buscando destacar sua relevância e suas implicações. No sentido de compreender as características e especificidades que dialogam com as relações humanas e com a cidade real, a fim de analisar se havia a construção de estereótipos por parte do autor da obra, compreendendo que *Tungstênio* debate sobre temáticas relevantes sem a produção de uma rotulação, de um modelo básico como Durval Muniz Albuquerque Junior (2009) que analisa a concepção de um Nordeste estereotipado pelos diversos campos, seja cultural ou produções acadêmicas, o real em *Tungstênio* está na maneira de retratar não somente questões sociais, mas, também o lidar com as dificuldades que surgem no dia-a-dia, está também nas

¹ Paulo Ramos trabalha aqui com o conceito de gênero semelhante ao proposto por Bakhtin (2000): são tipos relativamente estáveis de enunciado usados numa situação comunicativa para intermediar o processo de interação. (BAKHTIN, 2006, apud RAMOS, 2018, p.16)

expressões dos rostos ao se depararem com as situações retratando assim o sentimentalismo no humano.

No terceiro tópico foi feita uma discussão temática com o conceito de gênero, esta discussão se baseou no ponto de vista da autora Joan W. Scott (1989) de maneira que a exploração dos estudos sobre este conceito coopera em dar visibilidade às mulheres não só no sentido de contribuir para a compreensão dos preconceitos sofridos pelas mulheres ao longo da história, mas, também em construir pesquisas com reflexões para diminuir as distâncias fixadas no passado sobre a contribuição das produções das mulheres no meio acadêmico, a fim de uma reestruturação de uma visão política e social, sob essa concepção, discutiu-se no último item a relação desigual de gênero com base nas personagens de Richard e Keira com o propósito de compreender e construir uma base analítica sobre a temática. Neste viés, compreendeu-se que as mulheres – Keira – sofrem preconceito por conta de sua cor por ser negra pelo fato de ser pobre, e isso gera enormes prejuízos também no comportamento e atitudes da personagem, tornando-a “prisioneira” de um poder maior que a desfavorece e destrói sua autoestima.

1 MARCELLO QUINTANILHA E SUA TRAJETÓRIA NO UNIVERSO DOS QUADRINHOS

Neste tópico faremos uma análise biográfica de Marcello Quintanilha, autor de *Tungstênio*, por meio de entrevistas disponíveis em Blogs, sites, canais de *You Tube* e um livro autobiográfico intitulado *Todos os Santos* de autoria de Marcello Quintanilha, fazendo uso da história oral como método para refletir os aspectos da vida de Quintanilha que influenciaram nas produções de suas obras.

Em entrevista Quintanilha expõe como o papel da sua aprendizagem no começo de sua vida profissional, em que o processo de observação durante a construção da obra é relevante para melhor desenvolvimento. Neste sentido, é preciso analisar, neste trabalho, como esse processo de sua aprendizagem colaborou para a construção do real em que Quintanilha chama atenção, como não somente no desenhar os personagens, mas também, nos aspectos das relações sociais que colaboram como inspiração das histórias construídas por ele.

Marcello Quintanilha nasceu em 1971, em Niterói/RJ. Atualmente mora em Barcelona/Es. Advém de uma família de classe média baixa, sendo criado em um bairro operário decadente, filho de um ex-jogador de futebol e uma professora primária, no seu

entorno expressava a rotina de outras tantas famílias oriundas de núcleos de pescadores ou comerciantes, militares de baixa patente ou funcionários públicos de baixo escalão². Começou a publicar suas HQs ainda adolescente em 1980, desenhando gibis de terror e artes marciais para a editora *Bloch*.

Nos anos 1990, passou a publicar seus quadrinhos em revistas como a *General*, *General Visão*, *Nervos de Aço*, *Metal Pesado*, *Zé Pereira* e a *Heavy Metal*. Em 1991, foi premiado no Salão do Humor de Ribeirão Preto, ainda nesse ano foi premiado na 1ª Bienal de Quadrinhos do Rio de Janeiro, voltando a ser premiado na segunda edição da mesma em 1993. Em 1999, foi premiado no Salão Carioca de Humor. Também em 1999, pela editora Conrad, lançou seu primeiro livro de quadrinhos: *Fealdade de Fabiano Gorila*. Nesse momento, Marcello Quintanilha ainda assinava “Marcello Gaú”. A *Conrad* publicou mais dois álbuns dele: *Sábado dos Meus Amores* (2009) e *Almas Públicas* (2011). *Tungstênio* foi lançado pela Editora *Veneta* em 2014. E, logo depois na Espanha, França, Alemanha, Itália, Polônia... Um sucesso internacional que rendeu a Quintanilha diversos prêmios, incluindo o mais importante: o Angoulême³. Em 2018 a adaptação do livro estreou nos cinemas brasileiros, dirigida por Heitor Dhalia. Em 2016 lançou *Hinário Nacional*, premiado com um Jabuti.⁴

Um primeiro aspecto significativo refere-se às relações entre história e narrativa. A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. [...] a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram amplamente os historiadores. Essa influência, em geral mais indireta do que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis: a propósito, por exemplo, dos atos e dos pensamentos, da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição. (LEVI, 2006, p.168).

² Entrevista para Paul Gravett, disponível no livro *Todos os santos* de Marcello Quintanilha.

³ O início do festival se dá em 1972, com uma exposição intitulada *Dix millions d'images* (Dez milhões de imagens). A exposição empolgou editores, ilustradores e o mercado dos quadrinhos como um todo. Foi então que Francis Groux, Jean Markidian e Claude Moliterni, entusiastas que se tornariam os fundadores do festival, incentivaram o município de Angoulême a criar um evento dedicado aos quadrinhos, cuja primeira edição acontece em janeiro de 1974. Em 2017, entre os dias 26 e 29/01, o festival comemora sua 45ª edição. O festival internacional de histórias em quadrinhos de Angoulême é o mais importante evento especializado em HQ da Europa e um dos mais populares de todo o mundo. Durante o evento, a pacata cidade francesa tem seus dias agitados e recebe amantes de HQ de diversos países. O festival abrange e movimenta toda a cidade e se divide em três frentes: exposição, premiação e a feira propriamente dita, composta de uma série de atrações como encontros e espetáculos. O festival é aberto ao público, que pode adquirir suas entradas no site oficial do festival. As premiações do festival são atribuídas por um júri previamente selecionado, mas o público também pode votar e premiar uma obra como seleção popular. O prêmio mais conhecido do festival é o Grand Prix, que homenageia todo o conjunto da obra de um artista. Disponível em: <<http://oespanador.com.br/2017/01/26/conheca-o-festival-internacional-de-hq-de-angouleme/>>. Acesso em: 19 Mar. 2020.

⁴ Biografia retirada do site da editora Veneta, disponível em: <<http://veneta.com.br/autores/marcelloquintanilha/>>. Acesso em: 26 Fev. 2020.

Na concepção de Geovani Levi (2006) o uso da biografia é relevante para a compreensão de aspectos da escrita da história com relação à narrativa literária, a construção de um personagem na literatura permite que observe características e crie uma concepção do meio ao qual ele está contextualizado, pois, para essa elaboração é preciso partir da observação, de um estudo e/ou uma investigação, para a absorção e só dessa maneira transcreva tais características que irão compor determinado personagem. Deste modo, é preciso refletir sobre a trajetória de Marcello Quintanilha autor da história em quadrinho intitulada *Tungstênio*, com o intuito de compreender quem é o sujeito por trás desta narrativa, um homem que já inicia sua carreira profissional ainda adolescente e que ao longo de sua trajetória foi se tornando renomado e adquirindo múltiplos prêmios.

Zago: Ó pra quem não sabe ele não fez só *Tungstênio*, e não tá há pouco tempo no mercado, não tá de 2014 pra cá. Ele faz quadrinhos desde os anos 80 correto?

Quintanilha: corretíssimo.

Zago: Como é que você começou? Eu vi que você fez bastante quadrinhos de terror na época e tal.

Quintanilha: na verdade eu comecei a publicar na Bloch, o que foi magnífico porque tendo a possibilidade de publicar numa editora que tinha uma produção tão regular como a Bloch, eu tive a possibilidade de... de entender o processo de produção dos quadrinhos, no que diz respeito a...a confecção de uma página, finalização de uma página e podia acompanhar o resultado dessa produção ou resultado da impressão do trabalho finalizado no mês seguinte, porque é fundamental se você pretende entender o mecanismo de produção de um quadrinho porque em última análise o quadrinho é uma, é um meio de expressão que só tá definitivamente concluído uma vez que ele tá veiculado seja impresso ou seja veiculado através do meio digital, ele é pensado pra ser, pra ser..... absorvido dessa forma, pra chegar até as pessoas dessa forma seja através da impressão, seja através da veiculação digital; de maneira que o trabalho acabado ocorre quando ele chega até as pessoas não simplesmente das finalizações do original, eu sempre falo sobre isso porque no meu entendimento foi fundamental pra mim, porque eu passei a considerar tudo aquilo que eu deveria fazer parte de um original para que ele pudesse ser reproduzido da melhor maneira, quer dizer tendo trabalhado na Bloch eu aprendi por exemplo quanto carregar nas linhas, a não exceder o número de linhas de uma, de um desenho pra que essa, uma vez que o trabalho, que as páginas fossem reduzidas e posteriormente impressas as linhas não se condensassem, não se mesclassem (PIPOCA&NANQUIM, 2018).

Quando Quintanilha afirma que “[...] foi fundamental pra mim, por que passei a considerar tudo aquilo que eu deveria fazer parte do original para que ele pudesse ser reproduzido da melhor maneira [...], chegamos ao ponto da discussão da importância do estudo da biografia, refere-se entre as relações história e narrativa para compreender a historiografia, o lugar que o sujeito pertence e suas absorções reflete naquilo que ele quer transmitir quando está construindo sua narrativa. O autor, Quintanilha, aprendeu a como produzir seus quadrinhos de modo que tudo que assimilou fosse recriado, em seus desenhos, repassando assim através de suas ideias o seus pensamentos nas temáticas transcritas em seus quadrinhos.

Zago: da Bloch cê foi pra onde?

Quintanilha: Depois da Bloch eu comecei a publicar na *D-arte* de São Paulo que pertencia a Rodolfo Zala... não sei se você vai se lembrar

[...]

Zago: até chegar na *Conrad*, o que mais você fez?

Quintanilha: depois disso eu comecei a trabalhar com animação na verdade, passei dez anos trabalhando como animador, eu trabalhei num curso de inglês que tinha um departamento de animação pra fazer trabalhos institucionais e publicidade, e depois num estúdio de animação em São Paulo, enquanto trabalhava dessa forma ia produzindo histórias autorais que iam sendo publicadas em revistas como a *General*...

Zago: bom então vamo chegar na *Conrad*. Então pela *Conrad*, bom eu não tô pulando nenhuma etapa? (*Quintanilha* sinaliza sinal de concordância) depois das animações você começou a produzir trabalhos autorais que saíram pela editora *Conrad* (*Quintanilha* sinaliza concordância) com o, aí já era com o Rogério?

Quintanilha: com o Rogério,

Zago: Rogério de Campos.

Lopes: não Foi o *Fealdade de Fabiano Gorila*.

[...]

Lopes: aí sim, aí vem *Sábado dos meus amores*,

Quintanilha: na verdade eu preciso dizer uma coisa entre *Fealdade de Fabiano gorila* e *Sábado dos meus amores*, eu comecei a trabalhar com uma editora belga chamada *Le Lombard* que motivou a minha mudança pra Europa. (PIPOCA&NANQUIM, 2018)

A memória nessa entrevista conduz a analisar essa seleção dos episódios da vida de *Quintanilha*, durante a entrevista se nota uma certa linearidade dos fatos que ocorreram para que esse processo de aprendizado do autor de *Tungstênio* acontecesse. Segundo Paul Ricoeur (2007), deverá atentar-se para uma memória criada pela lembrança, que havendo uma experiência viva da memória há uma necessidade de produzir uma imagem dessa lembrança, a qual pode causar uma confusão na rememoração desses episódios.

Os processos de construção das histórias em quadrinhos vêm de vivências no decorrer em que está trabalhando nas editoras como *Bloch*, *Conrad*, compreendendo os métodos de criação dos quadrinhos, o período que trabalhou com animações ocorreu em meio às próprias produções, o caminhar da carreira do autor de *Tungstênio* atravessa outros momentos de aprendizagem que contribuem para as produções, a composição do formar-se como sujeito de uma história que aparenta ser, porém Pierre Bourdieu (2006) permite refletir sobre:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos como significado e direção, talvez seja conformar-se como uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p.185)

O autor aponta para um aspecto importante da história em que ela não é linear, essa ilusão é causada pelo modo romantizado que criamos para enfatizar a história de uma maneira esteticamente mais bonita, a forma como é descrita a vida de Marcello *Quintanilha* mostra que ele é talentoso, e que toda sua vida foi sequenciada, em um dado momento ele estava em uma editora e depois em outra, cabe pensar se tudo ocorreu de maneira como se fosse um roteiro já pré-estabelecido, de modo que tem um início meio e fim. Segundo Pierre Bourdieu (2006) o

sujeito e o objeto da biografia tem um mesmo interesse, que seria aceitar o postulado do sentido da existência narrada, ou seja, de maneira que qualquer tipo de existência seja elaborada pelo sujeito, a fim de que mesmo de forma ilusória seja gerada uma cronologia da biografia de um indivíduo.

Caféina: Como é escrever sobre o Brasil morando fora? Torna a composição do roteiro mais difícil?

Quintanilha: No meu caso, é exatamente como escrever sobre o Brasil estando dentro. Não, não torna a composição do roteiro mais difícil. Esse raciocínio só se sustentaria se considerássemos que meu trabalho está construído sobre a base da “observação”, da efetiva transposição de uma realidade tangível, diretamente observável, para o papel; mas, como já disse em outras ocasiões, não trabalho nem nunca trabalhei à partir desse princípio. Considero coerente pensar que, para um trabalho tão realista, seja quase indispensável o fator presencial para formalização de uma proposta sólida. Mas não estou de acordo que isso seja necessariamente verdade — nem sequer necessariamente positivo sob muitos aspectos. O Brasil presente nas minhas histórias não é o Brasil que “observo”; não trabalho sob o critério da observação, uma vez que percebo neste procedimento uma inevitável distância entre observador e coisa observada, e eu não trabalho desde a distância. Portanto, o Brasil presente nas minhas histórias é o Brasil que está comigo; é um conjunto de coisas e valores que me fizeram como ser humano. Quando se estabelecer uma relação tão profunda com suas próprias raízes, o fator presencial assume um papel bem menos relevante no processo de trabalho. Costumo dizer que o que expresso nas minhas histórias não deriva daquilo que vi ou vejo ou mesmo experimentei, mas sim daquilo que sou. (CAFEINA, 2017).

A entrevista acima expõe que apesar de Quintanilha morar fora do país desde 2002, ano em que assinou o contrato com a editora Belga, *Lombard*, tem em mente que sua forma de trabalhar é uma criação realista, afirma não escrever sobre o que observa, mas sim a partir daquilo que já vivenciou. Quando enfatiza a composição do seu roteiro se fosse somente do campo da observação seria um trabalho que corresponderia a uma realidade, mas para Quintanilha suas obras e a forma com que trabalha com ela é mais do que isso, para o autor seria de fato um fator presencial de suas raízes, que estaria dentro dele passado para o papel seria sua própria essência.

O conjunto de memórias do qual o autor de *Tungstênio* descreve é a essência do que carrega consigo e transcreve e desenha em seus quadrinhos, o que foi absorvido enquanto vivia no Brasil, em suas viagens e até mesmo onde cresceu no Rio de Janeiro, o processo de memorizar, guardando imagens dentro de si, contribuiu para que expressasse tais imagens nas histórias em quadrinhos, seja nos aspectos que compõem seus personagens, na linguagem das narrativas e até na construção dos locais em que as mesmas se passam. Todo esse conjunto para Quintanilha não parte do campo da observação, e sim de tudo o que experienciou, contudo isso implica em uma contradição, pois, em *Tungstênio* para ser criada ele não vivenciou o fato em si, ele ouviu em uma rádio local de Salvador, ele tem a inspiração para criar a partir de uma notícia, de fato ele não estava envolvido diretamente com o ocorrido,

então entende-se que fica no campo da imaginação com relação ao acontecimento, e conta apenas como experiência a ida até o local do forte e as redondezas para contribuição do desenvolvimento dos desenhos.

Tzvetan Todorov (1999) discorre sobre o sujeito que se afasta do lugar do qual pertencia e passa a vivenciar outra cultura diferente da qual estava inserido, o ponto do qual o autor chama para discussão é o enraizamento e desenraizamento desse indivíduo, até que ponto este irá manter a cultura que está enraizada em si sem que sofra o apagamento, haja vista que a absorção de outra cultura é inevitável. Destacando a maneira que Marcello Quintanilha tenha usado para que não houvesse a desconexão com tudo aquilo que ele afirma ter colaborado para a construção de si, seja o desenvolvimento das histórias em quadrinhos a partir do que já vivenciou enquanto morava no Brasil. Deste modo, as produções seriam de acordo com o que ele acredita e internalizou para si mesmo.

E quanto à "experiência" fomos levados a reexaminar todos esses sistemas densos complexos elaborados pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão (sistemas que o próprio rigor da disciplina, em Ricardo ou no Marx de O Capital, visa excluir): parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a "genética" de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto. (THOMPSON, 1981, p.188-189).

Thompson (1981) chama a atenção para o processo de discussão sobre a experiência, os sistemas que compõe a experiência humana, pois, é preciso refletir sobre a totalidade do indivíduo, de maneira que é preciso pensar as complexidades elaboradas e estruturadas de uma vida em grupo que constroem uma consciência social, diante disso, o autor permite a compreensão desta "genética"⁵ que compõe o processo histórico por meio destes sistemas de uma estrutura social. Neste sentido, reflete-se aqui a reconstituição das experiências de Marcello Quintanilha, que se expressa ao escrever e desenhar uma HQ sobre o que já viveu e experienciou em primeira pessoa, dado momento em que diz que as composições de suas obras não são fruto de observação, que não trabalha nesse sentido, e sim daquilo que colaborou para a construção dele em si.

1.2 O "EU" DESENHADO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

⁵ Aspas do autor.

Na concepção do uso da biografia, as noções do ‘si’ ou ‘eu’ são transformadas por meio da escrita, do que queria ou caberia dizer sobre o indivíduo, a relação do moralismo e da biografia transcorre pelas noções do que seria agradável de ler, ao longo dos séculos essa problemática percorre no sentido de dialogar sobre o documento e o sujeito que escreveu, tal discussão sofre variações de acordo com o tempo, pensamentos e linguagens de seus protagonistas:

Marcel Mauss assim descreve a diferença entre personagem social e a percepção de si: “É evidente, sobretudo para nós, que nenhum ser humano deixou jamais de ter a percepção não apenas de seu corpo, mas também de sua identidade espiritual e corporal ao mesmo tempo.” [...] “ao longo dos séculos, em inúmeras sociedades, se elaborou lentamente não a percepção do ‘eu’ mas a noção do conceito.” [...] certas épocas a noção de si socialmente construída foi particularmente restrita: em outras palavras, o que era tido como socialmente determinante e comunicável apenas encobria de maneira bastante inadequada o que a própria pessoa considerava essencial. Esse problema, hoje colocado às claras, é o mesmo que o século XVIII havia explicitamente formulado. (LEVI, 2006, p.170).

O autor Giovanni Levi discorre sobre os limites da biografia, a consciência de uma dissociação entre o personagem social e a percepção de si, escrever a vida de um indivíduo percorre a complexidade de construir a imagem de um indivíduo, de modo que captar a essência em uma autobiografia foi um dilema no que seria trazer um diálogo verídico, um personagem que sofreu distorções na construção de uma produção romantizada, a complexidade gira em torno do que é descrever o que seria significativo para tomar uma dimensão pública.

Na concepção de Verena Alberti (1991) a relação do escritor com aquilo que foi no passado existente na literatura, abre para reflexão entre sujeito, ficção e realidade em uma narrativa, pois a presença da ficção não exclui a realidade, de maneira que as experiências alocadas no sujeito contribui para a identidade que se manifesta no que o autor escreve presente em cada linha, que essa identidade é indissociável da pessoa que está ali produzindo.

Gravett: seus quadrinhos tem um forte elemento do realismo social...

Quintanilha: Eu nunca trabalho a partir da observação da realidade social, porque isso implica um inevitável distanciamento entre o observador e aquilo que é observado, e não trabalho desde a distância. Sempre acho que a melhor maneira de definir minha forma de escrever é através da ideia de que minhas histórias são o que eu sou. Também pesa nisso meu desejo de traduzir uma série de sentimentos e inquietações em forma de quadrinhos, por meio de personagens que personifiquem determinados arquétipos e tratar de temas que, para mim, são relevantes. A história “Dorso” (Sábado dos Meus Amores) é o maior exemplo disso, por problematizar a questão do direito inerente ao ser humano de dispor da própria vida como melhor lhe aprouver, mesmo que isso signifique arruiná-la. (GRAVETT, 2015, apud. QUINTANILHA, 2018, p.12-13).

Marcello Quintanilha descreve que seu processo de criação não é fruto de um realismo social, isso o distanciaria de seu modo de elaboração de seus personagens, nos conduzindo a pensar que o autor faz uma personificação de si mesmo, criando o discurso de que seu modo de produção equivale somente a partir do que viveu e interiorizou em si. Entende-se que a presença das questões sociais está em seus quadrinhos pelas condições em que seus personagens estão inseridos, há mecanismos sociais por detrás de cada linha desenhada e também nas construções discursivas.

Mas o seu quadrinho tem, você possui uma narrativa que eu acho que...eu acho, são quadrinhos até, são grandes né, não são quadrinhos que você lê numa sentada, só que eu não consigo parar de ler o seu quadrinho, da onde que você busca? Como é que você... eu queria saber como é que é seu processo mesmo de construção, não sei é...qual que é sua base? o quê que você lê pra chegar nisso, sabe? É tão gostoso de ler, qual que é, é a observação do dia a dia? Como é que você constrói?

Quintanilha: um pouco de tudo né, um pouco de tudo, eu sou muito influenciado pela literatura brasileira, sou muito influenciado pelo cinema, sou muito influenciado por autores que foram capazes de tratar o cotidiano e a oralidade de uma maneira muito escurrita eu deveria dizer, a vida cotidiana em si é uma matéria prima sempre presente, eu presto muita atenção nas coisas, ou o máximo de atenção que eu posso prestar, mas, sobretudo acho que as minhas histórias tão efetivamente baseadas naquilo que eu experimentei em primeira pessoa, foi experimentado em primeira pessoa por pessoas próximas a mim então... acho que é um conjunto de fatores. (TOCOMFOMECAST, 2020).

Alexandre de Sá Avelar (2011) contribui para entender as influências na elaboração textual da narrativa biográfica, “o texto escrito por um historiador-biógrafo deve, portanto, contar a história real de uma vida, o que nos coloca inevitavelmente no cerne da problemática da narrativa ou do seu retorno [...]” (AVELAR, 2011, p.4) Isto é, quando Quintanilha diz que suas histórias são baseadas naquilo que experimentou em primeira pessoa é uma afirmação que o campo histórico denomina como homem fruto de seu tempo, escrever sobre elementos de suas vivências é um fator que coopera para melhor compreender os conjuntos de fatores na criação de *Tungstênio* e quem está por trás de sua composição.



Figura 01: *Todos os Santos*, 2018, p.19.

“A estreia profissional de Quintanilha aconteceu muito cedo, em 1988, no quinto número da revista *Clássicos das artes marciais*, da editora *Bloch*, com a história infantil ‘*Os Dragões de Bali*’.” (PAIXÃO Jr. 2015, apud. QUINTANILHA, 2018, p.15). A figura um, é o registro do primeiro trabalho de Quintanilha realizado profissionalmente, observa-se aqui características de seus personagens com aspectos orientais, as expressões corporais e faciais sinalizando os movimentos.

Zago: [...] e você fez o que na Bloch basicamente?

Quintanilha: hã....fiz histórias de terror, de artes marciais.

Zago: Ah! de artes marciais também que legal cara!

Quintanilha: a primeira história que eu publiquei foi uma história de artes marciais chamada *Os dragões de Bali*.

Zago: que legal, como é que funcionava? Era ideia tua ou os cara encomendava, tinha um roteiro de outra pessoa?

Quintanilha: é, eu desenhava o roteiro de outras pessoas...

Zago: de outras pessoas...

Quintanilha: acho que Krisnas, foi o roteirista que mais desenei roteiro. (PIPOCA&NANQUIM, 2018).



Figura 02: *Todos os Santos*, 2018, p.34-35.

Licantropia - mestres do terror #54 publicação pela D-ARTE – 1990. “Minhas influências em relação aos quadrinhos vêm de muitas fontes [...]. A influência do quadrinho japonês é muito presente, tanto rítmica como esteticamente” (GRAVETT, 2015, apud. QUINTANILHA, 2019, p.14), diante disso, pode-se observar na figura dois, o movimento da imagem presente nessa história, como a sombra desenhada contribui para essa percepção de movimento, a capa com ondas, dando sensação de um ato de reação de esquivar aos lobos estarem atacado ao personagem.

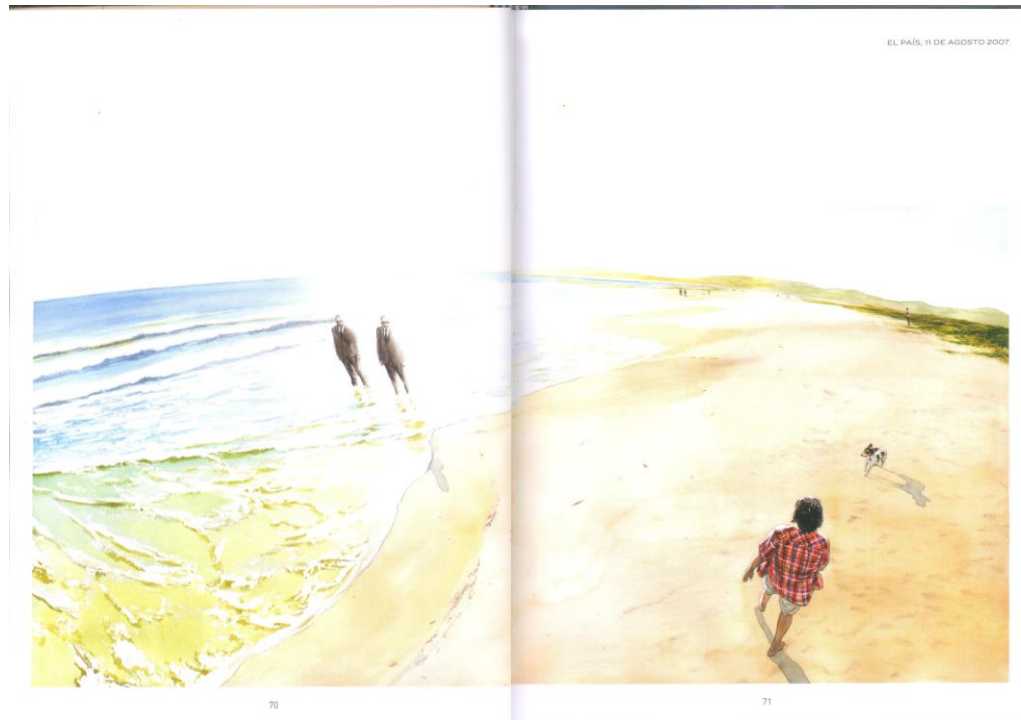


Figura 03: *Todos os Santos*, 2018, p.70-71.

Lopes: mas aí você se imagina dentro daquela cena pra você fazer todas aquelas variações de câmera, porque tem um posicionamento de câmera, vamos dizer de “câmera”, completamente alucinante e espetacular, *Tungstênio* é uma aula de narrativas nesse sentido você se imagina naquele ambiente né, num é possível, você rotaciona, faz milhares de possibilidades assim.

Quintanilha: sim é como eu falei na verdade você tem que conhecer esse ambiente como um personagem também, você tem que conhecer esse ambiente, você tem que conceber esse ambiente como personagem, é a maneira como eu gosto de trabalhar, é a única maneira com que eu consigo trabalhar, eu não consigo trabalhar com cenários, com fundos, eu não desenho fundos, eu detesto desenhar fundos, eu desenho personagens o tempo todo mesmo que sejam só paredes. (PIPOCA&NANQUIM, 2018).

Pode-se observar aqui, exatamente, Quintanilha chamando a atenção para sua técnica de produção. Os posicionamentos das câmeras, as quais o entrevistador aponta para o autor, ficam evidentes e flagrantes quando se olha a figura três, o modo como os personagens estão alocados na página, o fundo que não está presente, de forma que a paisagem vai se tornando branca.



Figura 04: *Tungstênio*, 2014, p.178.

[...] Seu quadrinho tem muito ritmo, muito ritmo, e eu queria saber sua preocupação, se eu tô certo em pensar que você tem essa preocupação com o ritmo de leitura, com como as páginas enfim... deslocamento, texto porque tudo isso é importante né?

Quintanilha: sim eu tenho muita preocupação, é fundamental pra mim, eu acredito muito na musicalidade do texto, sempre que eu leio machado de Assis é como se eu tivesse ouvindo música, quando você vê um filme, por exemplo, como... *Casino* do Scorsese e você percebe a relação entre imagem, narração, música e tudo, todos esses elementos imbricados produzem um resultado sempre em movimento, sempre que privilegia o movimento, sempre que privilegia o ritmo é como se você visse cenas musicais a todo momento, tudo isso me fascina muito a musicalidade do ritmo me fascina muito, então sim é uma coisa muito presente, a própria musicalidade do texto é muito, já é determinante pra mim, então os desenhos fundamentalmente são pensados pra tentar capturar a musicalidade que tá proposta através do texto. (TOCOMFOMECAST, 2020).

A expressão facial do personagem Caju na figura quatro, leva a pensar nessa musicalidade que Quintanilha afirma ter em seus desenhos, como se o leitor estivesse presenciando no ato de sutileza que o desenho conduz a ambientação do cenário, a música em que o próprio autor insere nas páginas da HQ, cria todo um contexto de um lugar que pessoas frequentam para dançar e descontraír. “A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro” (AVELAR, 2011, p.8). Ou seja, para entender os percursos de Marcello Quintanilha, a relação íntima com os desenhos é preciso observar sua fala, para entender o contexto de origem de *Tungstênio* podendo ver que a musicalidade não está

somente no modo de pensar enquanto produz, se transpassa ao olhar dos personagens à ambientação da história.

Caféina: Por que Salvador como cenário de Tungstênio (e por que Monte Serrat)?
Quintanilha: Salvador é uma cidade que esteve em meu imaginário por anos a fio, graças à literatura, à música e, também, à tele dramaturgia. Trata-se do berço daquilo que nos constituiu como nação — a primeira capital da etapa colonial; e creio que em nenhum outro lugar do Brasil se presencia tão bem o amálgama dos fatores, usos e costumes que nos formaram como povo. Quando tive a oportunidade de conhecê-la pela primeira vez, em razão do convite que me fora feito pela editora *Casa 21* para produzir um livro sobre a cidade, o efeito que esse contato exerceu sobre mim foi o de ter-me encontrado comigo mesmo e, até hoje, não encontrei uma forma melhor de descrever isso. Salvador é uma cidade sobre a qual já se disse muita coisa e absolutamente tudo que já se disse sobre Salvador foi, é e continuará sendo dramaticamente verdade. Tomei como base para a história uma pequena nota transmitida na *Rádio Sociedade da Bahia*, que me habituei a escutar na época em que produzia o livro que me havia sido encomendado pela *Casa 21*, que relatava a prisão de dois homens que pescavam com bombas nas imediações do Forte Monte Serrat e que haviam sido presos por um policial à paisana que passava pelo local. Antes mesmo que pudesse perceber, estava tecendo uma trama em torno desse acontecimento e, mais tarde, ela se transformaria em *Tungstênio*. O posicionamento estratégico do forte, as pedras abaixo, a igreja a sua direita, fazem dele um teatro de operações tremendamente dinâmico. (CAFEINA, 2017).

O livro abordado na entrevista é intitulado *Cidades Ilustradas: Salvador* é um livro que mostra Salvador pelo olhar de Marcello Quintanilha, em outro trecho, nessa mesma entrevista, o autor diz que foi à cidade em 2003, para coletar o material de referência sobre o lugar: “toda a dinâmica dos fortes e sua concepção geométrica sempre me fascinou e destinei boa parte da documentação para esse fim” (CAFEINA, 2017). Deste modo, olhar para os trabalhos de Quintanilha faz com que se busque as características de cada lugar que ele desenha e descreve nos quadrinhos que serve de inspiração para suas obras.

Na entrevista para o site *Caféina* ainda discorre sobre o que está no imaginário de Quintanilha, versa sobre um período em que ele não estava presente, porém como ele mesmo aponta, esta memória está presente graças: “à literatura, à música e também, à teledramaturgia, pois, trata-se do berço daquilo que nos constituiu como nação” (CAFEINA, 2017), historicizando a memória do lugar, de modo que se refere a uma região que decorreu fatores que construíram um povo. As memórias das lutas de povos, dos usos e costumes que estão imbricados nessa nação, mas a memória de Quintanilha sobre esses aspectos são de uma história que ele não vivenciou no período dos fatos ocorridos, o que leva à problemática da imaginação, pois houve silenciamento e apagamentos e reconstrução de memórias. Isto é, a memória de Quintanilha está ligada a uma licença poética como, por exemplo, obras de Jorge Amado que foram televisionadas em novelas como *Tieta*, *Gabriela*, etc., obras estas que contam uma história sobre mulheres que tinham uma vida sofrida em regiões da Bahia, por meio de recriações e adaptações de um passado que há muito foi velado.

Paul Ricoeur (2007) debate sobre a relação da memória para com a história de modo que esta contribua para a compreensão dos indivíduos no passado e presente referenciando a imaginação e as lembranças, por meio da filosofia socrática, o primeiro tema trata-se da representação presente de uma coisa ausente que implica na problemática da memória pela imaginação. O segundo tema concerne na representação de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou apreendida, que acarreta na problemática da imagem na Lembrança.

Sócrates: “Pois então, digamos que este trata de um dom de mãe das Musas, Memória: exatamente como quando à guisa de assinatura, imprimimos a marca de nossos anéis, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos nele aquilo que queremos recordar, que se trata de coisas que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito. E aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem (*eidôlon*) está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nós esquecemos (*epilesthai*), isto é, não o sabemos” (191d). Observamos que a metáfora da cera conjuga as duas problemáticas, a da memória e a do esquecimento. (RICOEUR, 2007, p.28).

O autor trata do que se quer mostrar, recordar aquilo que é mostrado ou impresso e rememorar o que foi colocado para quem vivenciou, no caso de *Tungstênio* a lembrança sobre um lugar que Marcello Quintanilha quis evidenciar as memórias de um passado de maneira diferente, enfatizando o Forte Monte Serrat, com a presença do mar, que leva a chegada dos europeus, e todos os fatores históricos que ocorreram para a constituição dessa nação, lugar de disputas e memórias das quais nos é contada.

Taís Veloso: Você acha que a *graphic novel* pode ser considerada superior aos quadrinhos?

Marcello Quintanilha: Para considerar a *graphic novel* superior a qualquer coisa eu teria que considerá-la como uma denominação válida para um determinado produto ou objeto e eu não a considero como designativo de absolutamente nada. A adoção do termo *graphic novel* se deve à histórica questão da denominação dos quadrinhos nos Estados Unidos: *comics*. Palavra cujo significado obviamente está impregnado de sentido humorístico, aliado também à tendência que tem a maior parte do público de identificar os quadrinhos com um produto infantil, ameno e descompromissado, quando todos sabemos que os quadrinhos não necessariamente se enquadram nesses parâmetros. À luz dessa problemática, o termo teria sido alcunhado na intenção de redirecionar o entendimento daquilo que compõe essa linguagem para algo de maior seriedade e valor artístico, criando artificialmente a ideia de um novo tipo de produto, que deixasse atrás a noção clássica e mais popularizada de *comics*. O que posso considerar um procedimento amplamente discutível, embora compreenda as razões pelas quais ele tenha sido adotado — e mais ainda se considerarmos que *comics* não são uma denominação precisa para uma linguagem como os quadrinhos. No caso do Brasil, vejo a importação do termo por duas vertentes básicas. Por um lado, a repetição de uma estratégia de marketing; por outro — fator que justifica o primeiro — a suposta evidência de que o termo história em quadrinhos, assim como *comics*, impregna o entendimento da linguagem, para a maior parcela do público, de um caráter diminutivo; infantil; por extensão, depreciativo. A grande diferença é que, ao contrário de *comics*, história em quadrinhos sim é um termo extremamente preciso para designar uma linguagem fundamentada na narração de uma história através de quadros pequenos. Abrir mão de um termo como esse significa tomar como verdade o fato de que ele não abrange o correto entendimento da totalidade das propostas da linguagem, transferindo-se então a noção responsável por esse entendimento para um suposto “novo produto”. O que significa afirmar que os

quadrinhos, como foram compreendidos até o presente, não são representativos de uma experiência formal a qual se possa atribuir valor de arte mas que as *graphic novels* sim, o que significa admitir que os quadrinhos falharam em se legitimar como proposta artística — considerando que a legitimação de uma linguagem como produto artístico representa, em si, um dado positivo. Pessoalmente nunca me interessei pela discussão em torno do coeficiente artístico dos quadrinhos, nem por alça-lo a um tipo de *status quo* de alta cultura, nem nunca me incomodou o fato de os quadrinhos estarem associados a ideia de uma “arte menor”. Sempre estive, sim, interessado em sua objetividade como linguagem. Portanto, é indiferente pra mim que as contingências do mercado se inclinem à aceitação do termo *graphic novel*. A qualquer um que me pergunte, continuarei dizendo que faço pura e simplesmente histórias em quadrinhos. (VELOSO, 2015).

Retratar a humanidade dos personagens implicaria na discussão acerca do que se entende por histórias em quadrinhos com relação ao que se compreende por *Graphic novel*, não somente com relação aos moldes como a maneira de desenhar mas, também com relação ao desenvolver questões sociais nas HQs, como por exemplo, em *Tungstênio* se observa a violência doméstica que será discutida em outro tópico mais adiante. O próprio Quintanilha diz, anteriormente, já citado neste item, sobre a maneira de desenhar na Bloch, com a relação de absorver os movimentos dos mangás tudo isso influenciou na sua forma de produção e compreendendo conforme foi averiguado nas figuras 1,2,3 e 4 apresentadas neste trabalho. Marcello Quintanilha se posiciona de maneira contrária a intitular suas obras dessa maneira e exemplifica seu ponto de vista para Veloso durante a entrevista, uma denominação que o Brasil absorveu por conta do marketing. Apesar das reformulações, para se ter uma noção de um novo produto as *Graphic novels* surgiram, mas para Quintanilha elas falharam ao atribuir uma novo valor ao quadrinhos.

Gravett: Foi um grande passo das histórias curtas para *Tungstênio*, um romance gráfico com 180 páginas. Como você desenvolveu esse projeto e seu roteiro?

Quintanilha: De modo muito natural. Eu realmente não havia previsto o número de páginas – como, em regra, costumo proceder – e se trata efetivamente da contingência em que os personagens assumem as rédeas da história e são os verdadeiros responsáveis por definir a maneira como ela deve ser contada.

Fui simplesmente desenhando as páginas, uma depois da outra, sem um roteiro prévio, embora tivesse uma ideia bastante clara do que ocorreria. (GRAVETT, 2015, apud. QUINTANILHA, 2018, p.13).

Isto é, podendo observar que o modo de construção da HQ que ao ter um sistema de regra para suas produções enquanto eram de menor volume, quando passou a ser uma história de maior quantidade de páginas esse aspecto muda, pois é uma história que tem início, meio e fim naquela mesma obra, o que ocorre nas revistas em quadrinhos produzidas em vários volumes para se contar uma narrativa.

Gravett: Porque o título *Tungstênio*?

Quintanilha: Tungstênio, neste caso, funciona como uma metáfora sobre a forma como os personagens são capazes de lidar com a dureza do metal pesado imposta pelo dia a dia; se conseguem contorná-lo, abrandá-lo, parti-lo, atravessá-lo...

sobreviver a ele, em resumo. (GRAVETT, 2015, apud. QUINTANILHA, 2018, p.13).

Apesar de não estar inserido culturalmente na região em que sua obra decorre, Quintanilha escreve sobre algo que ouviu enquanto estava em Salvador, a partir daí cria *Tungstênio*, seu trabalho surgiu de um fato que acontece no cotidiano da cidade e criou a partir desse contexto as relações interpessoais que sucederam à narrativa, as problemáticas levantadas no contexto narrativo equivalem ao que o brasileiro passa em seu dia a dia, indagações sobre o que seria a vida desse indivíduo inserido nessa sociedade, passando por determinada situação.

Morgado: Você começou profissionalmente como Marcello Gaú. Por que você assumiu o sobrenome Quintanilha?

Quintanilha: Porque imaginava que os quadrinhos sempre seriam uma atividade paralela ao que seria o mundo “jurídico”, oficial; mas à medida que os quadrinhos foram ganhando cada vez mais espaço na minha vida, a ponto de se tornar minha principal atividade, trabalhar sob um pseudônimo deixou de ter sentido pra mim. (MORGADO, 2020).

Ou seja, a relação da personificação do indivíduo, a partir do momento em que não usa mais um pseudônimo dá se a alusão de que tinha um personagem criado através das HQs. Pierre Bourdieu (2006) aborda sobre o nome próprio, esse, é o atestado visível da identidade do portador por meio dos tempos e espaços sociais, entende a personalidade como individualidade constituída socialmente.

Em vista disso, a contextualização do que ocorria no período em que a HQ foi produzida tem relevância, no sentido de compreender o que se discutia no momento, dando pertinência a descrição da conjuntura em seu tempo e espaço.

A proposta de contextualizar o tempo e espaço não foi possível por não conseguir encontrar notícias sobre o período de 2003 em Salvador, apenas sendo possível encontrar notícias em alguns sites específicos de outras regiões do Brasil também com certa dificuldade, de modo que as notícias encontradas aqui foram através da plataforma *Google*, utilizando palavras-chave como: notícias salvador 2003⁶.

2 A SALVADOR DESENHADA POR MARCELLO QUINTANILHA

⁶ Nesse viés de encontrar mais informações sobre o período no site do jornal *Folha de São Paulo* faz uma listagem das programações completas em 2003 da TV aberta: *Cultura, SBT, Globo, Record, Rede TV!, Gazeta, Bandeirantes, Canal 21, CNT, MTV, Rede Vida, Rede Mulher, Rede Gospel*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2105200305.htm>>. Acesso em: 14 Mar. 2020.



Figura 05: *Tungstênio*, 2014, p.7.

A figura cinco acima, descreve o primeiro momento da aparição de um dos personagens. Na sequência das cenas aparece Richard que é policial, negro, de corpo avantajado, em um dia de lazer na praia com os amigos, comendo, bebendo e contando histórias. E conforme o modo como está representado, impõe sua fala perante os que o escutam, devido à postura das mãos como se estivesse regendo uma orquestra isso indica uma característica de autoritarismo da personagem, estes traços serão vistos na sua relação com Keira, a qual sofre violência praticada pelo marido, o policial Richard, tema que será discutido com mais cuidado mais adiante, neste trabalho.

A imagem acima é o início da história de *Tungstênio*, a história em quadrinho em seus ângulos enquadra tudo à volta de seus personagens, os copos e pratos sujos sobre a mesa, os peixes, os pés, garrafa, cadeira com logomarca, o guarda-sol, a maneira com que cada cena e objetos são evidenciados aproximam o leitor da história, o espaço em cena é a praia próxima ao forte Monte Serrat, o forte é o local onde se entrelaçam a história das quatro personagens, todos esses nos levam a refletir sobre a Salvador que é desenhada por Marcello Quintanilha.

Ana Clara Gatto (2017) faz um estudo sobre análise de imagem acerca das contribuições da semiótica, de modo que este estudo faz uso de vários autores para compreensão do estudo da imagem e seus signos; a produção dos sentidos destes signos leva para uma atitude interpretativa que conduz a um processo de significação daquela

determinada imagem que expressam seus conteúdos próprios. Neste sentido, as formas de enquadramento presentes na HQ de Quintanilha compõe uma história, os signos, que é a composição do estudo dos sistemas simbólico na semiótica, é a interpretação de um objeto na análise de uma imagem. Isto é, uma análise com relação ao estudo da semiótica nos leva a interpretar essa localidade e seus personagens desenhados, a forma como cada objeto e cenário é desenhado e enquadrado pode transmitir por si só uma história, uma história sem a presença dos balões, quando interpretando a imagem com os balões seu contexto agrega a uma conexão de modo geral.

Eisner (1989) o define como “um quadro que contém uma determinada cena”. Sabemos, no entanto, que é mais do que isso. Agrupa personagens, mostra o espaço da ação, faz um recorte de tempo. O quadrinho condensa uma série de elementos da cena narrativa, que, por mesclarem diferentes signos, possuem um alto grau informativo. (EISNER, 1989, Apud. RAMOS, p.90, 2018).

Isto é, para Eisner (1989) amplia a visão daquilo que seria uma cena quando desenhado em uma HQ, a produção de uma história dentro de cada quadro é uma composição que, ao mesclar todos os elementos em cena, exhibe uma narrativa que leva o leitor a uma fixação, compreendendo as ações sequenciais da história. Como na primeira página do início de *Tungstênio*, observamos os signos que fazem a composição da história, os copos sobre a mesa, a logomarca na cadeira, guarda-sol, os peixes, os gestos dos personagens, mar, areia, e o forte e o local de praia ao fundo, tudo entrelaçado para compor uma narrativa, na qual o cenário ao fundo, no Forte de Monte Serrat, funciona como ponto de ligação dos quatro personagens da história.

A HQ enquadra momentos específicos que permitem a condução de uma narrativa manifestando os pensamentos do autor. A Salvador nos Quadros de Marcello Quintanilha é fruto de sua percepção desse espaço, que para ele é o berço que nos constitui como nação, o forte é o cenário principal, onde ocorre o crime ambiental, um lugar de praia, ponto turístico, mas também mostra outros ambientes da zona urbana, de modo que enquadra temas presentes em nossa sociedade contemporânea.

Quais aspectos, características e especificidades em *Tungstênio* dialogam com as relações humanas? E com a cidade real? Se seguir por essa linha de raciocínio de Albuquerque Junior (2009) que analisa a concepção de um nordeste estereotipado pelos diversos campos seja cultural ou produções acadêmicas, o real em *Tungstênio* está na maneira de retratar não somente questões sociais, mas, também o lidar com as dificuldades que surgem no dia-a-dia, está também nas expressões dos rostos ao se depararem com as situações retratando assim o sentimentalismo no humano. Quintanilha buscou expressar momentos

cotidianos na vida do ser humano na sociedade brasileira, mas também fez uma linha de pesquisa antes de colocar no papel, como já debatido no primeiro tópico, suas histórias são ligadas ao real ou verídico e ao fictício, podendo ser verídicas no tempo e espaço.

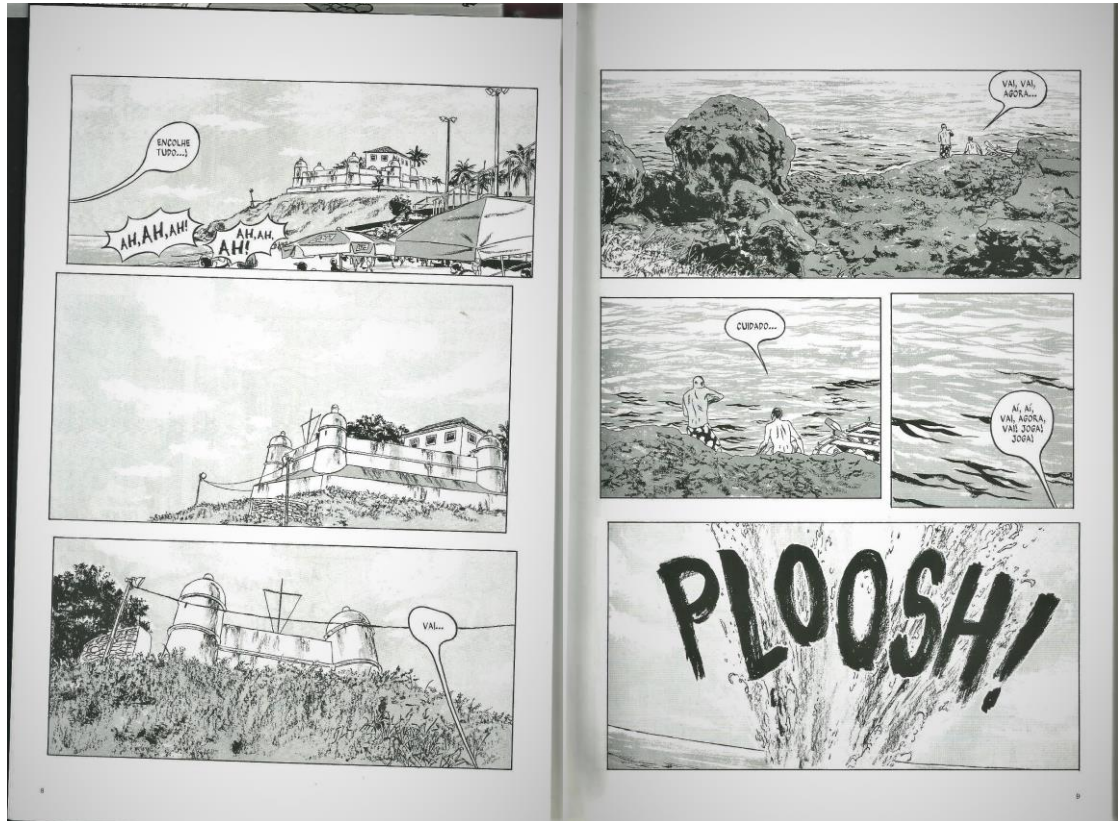


Figura 06: *Tungstênio*, 2014, p.8-9.

A figura seis, direciona para aquele que seria o palco e o motivo de *Tungstênio*, o forte, que ocupa a página inteira da esquerda em três enquadramentos: o primeiro, distante em um diâmetro que dá a visão de observarmos a fortificação a partir da praia, o segundo, mais próximo e dando um olhar de um ângulo de baixo para cima, mais ao pé da colina e, no terceiro, ainda de baixo para cima, de modo mais aproximado se avista apenas uma face do forte com suas colunas. Os balões indicam falas ao longe e risadas. Conforme Paulo Ramos (2018):

O personagem que fala por meio do balão não precisa necessariamente estar presente na cena. Sua existência pode ficar implícita no contexto da leitura. Pode ser representado com balões de apêndice cortado ou com balões de fala. (RAMOS, 2018. p.44).

Isto é, este recurso é utilizado para dar indicação de informações simultâneas de um evento, o balão dá continuidade à fala do personagem introduzindo o cenário, troca de mudança de cenário como no caso da imagem seis. De maneira que, no momento em que se

está na praia seguimos para o ambiente do mar em frente ao forte onde acontece o crime ambiental que os personagens pescam com bomba, ponto que interliga os quatro personagens: Richard, Keira, Sr. Ney e Caju (Marcos Vinícios). Nas páginas, a troca de cenário vai ocorrendo simultaneamente e os balões acompanham, no primeiro quadro o cenário é a praia, observamos que no balão o personagem está contando uma história, mas, o mesmo não está ligado acima do personagem, mas interligado ao cenário dando um sentido de mudança, no último quadro o balão de fala já é de um dos personagens que estão jogando bomba no mar e na página seguinte a cena muda de lugar. O recurso indica uma continuidade da história, mas, em outro local algo diferente acontece, dando assim uma expressividade diferente ao contexto da história.



Figura 07: *Tungstênio*, 2014, p.12-13.

O ex-sargento, Sr. Ney, na figura sete, está embaixo de uma árvore falando a respeito das máfias da cidade e sobre a televisão com seus programas de obras sociais nos quais são convocados até artistas para atrair a atenção das pessoas seduzindo-as a fazer doações, Caju se aproxima e começa a conversar com ele concordando com tudo. Sr. Ney é um ex-sargento, o ambiente é o forte onde notamos a presença de canhões de guerra, no início da cena observamos não o balão de fala, mas sim, balões retangulares atribuindo a decorrência de um

pensamento sobre as máfias, este tipo de balão dá um sentido de expressão como alguém envolvido na história, uma interação, o que seria um diálogo interno do personagem.

Posto isso, ao observar que a composição das histórias em quadrinhos trazem um debate da sociedade para o interior de suas páginas, mas, de maneira (re)criada por parte de seus criadores, isso nos leva a pensar sobre o papel das emissoras televisivas com relação aos projetos sociais. Quintanilha nos leva a refletir sobre a intencionalidade desses shows que envolvem artistas contratados exibindo projetos pelos quais serão beneficiados com as doações. Mais adiante, Sr. Ney até questiona se alguém já viu crianças que moram na rua recebendo ajuda, como resultado dessas campanhas. Conforme Valquíria Aparecida Kneipp e Renato Ferreira de Moraes (2019) a tele-solidariedade nos programas de Tv praticam o assistencialismo high tech⁷ utilizados para suavizar a ação direta de inserir dramas da vida real no cotidiano dos telespectadores, de modo que expõem a miséria e as carências de classe ou individual, o sofrimento humano, com pretexto de confortá-las com a solidariedade de seus homens-espetáculos, a mídia se apodera da miséria da classe pobre mas, não a transforma, uma realidade apresentada pela mídia, é encenada e reinterpretada. Ou seja, trata-se de apoderar-se de uma estratégia midiática que usa todos os seus recursos para captar mais audiência, utilizando do assistencialismo e posando de “boa moça”, com isso causando comoção e mostrando que os sonhos dos espectadores foram captados, provocando sentimentos de vínculos pelo fato de estar em uma situação semelhante ou não, agregando sentido de uma entidade consciente socialmente.

⁷ Recursos de alta tecnologia; cuja tecnologia é muito avançada: televisão high-tech. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/high-tech/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.



Figura 08: *Tungstênio*, 2014, p.10-11.

Na figura oito, pode-se observar o momento no qual são jogadas as bombas para a pesca dos peixes, é importante observar como cada quadro se encaixa em cada página. Paulo Ramos (2018) nos chama a atenção para isso, de modo que a vinheta ideal vai depender da intenção do artista e do espaço físico utilizado para produzir a história, adquirindo maior valor expressivo em cada situação. Marcello Quintanilha deu um formato para sua HQ *Tungstênio* de modo que algumas imagens ficam em mais evidência que outras, podendo assim perceber na imagem acima que alguns enquadramentos proporcionam um lócus da bomba após a explosão, os efeitos na água, em contrapartida, outros pontos são destacados em quadros menores dando evidência às bombas que irão ser utilizadas no chão, e onde um dos pescadores pisa, por exemplo, à beira d'água.

Todos esses recursos causam efeitos durante a leitura em *Tungstênio*, se observarmos os formatos dos balões dos personagens mudam em determinado momento, os balões de fala por um tempo permanecem redondos e em outro momento ficam pontiagudos nos dando a entender que pelo fato da distância a tonalidade de voz muda, de modo que o primeiro é um modelo quando os pescadores estão próximos, o balão é mais neutro, e o segundo nos dá um valor de expressividade diferente mais alta quando os pescadores estão distantes um do outro, dando sentidos de expressividade distinto.

O papel da figura oito, é o de chamar a atenção para o modo de pesca ilegal, com bombas, o nome da história em quadrinhos *Tungstênio* como abordado no primeiro item, nas entrevistas de Marcello Quintanilha ele evidencia a vida difícil que as personagens levam, cada uma lidando com as durezas do metal pesado que a vida lhes impõe no dia a dia, o que fazem para sua sobrevivência diante das dificuldades com as quais se deparam. Neste sentido, observamos aqui a decorrência de um crime.



Figura 09: *Tungstênio*, 2014, p.20-21.

Na Figura nove, na página da esquerda, temos o desenrolar do envolvimento entre o Sr. Ney e Caju, os dois estão falando com um soldado no forte, tentando fazer a denúncia sobre a pesca com bombas, logo depois ocorre a mudança de cenário. Agora, outra personagem, Keira, adentra a história, as cenas se passam dentro de um transporte coletivo. Na primeira cena observamos, como expectadores externos, a traseira do ônibus percorrendo uma rua indefinida da cidade de Salvador, em seguida, já dentro do ônibus, os leitores adentram também ao diálogo entre Keira e uma amiga, Lúcia. Keira expõe sua insatisfação em relação ao relacionamento com seu companheiro, Richard, começa a descrever sobre seu casamento, afirmando estar casada com ele ainda, muito mais por necessidade financeira do que por gostar de Richard. Ali é um momento de desabafo para Keira.

Nesse momento, apesar de não identificarmos a rua do percurso do ônibus, já podemos observar um pouco da urbanidade de Salvador que Quintanilha retratou, na figura nove podemos observar prédios, pouca vegetação, carros e ônibus, seguindo o fluxo do trânsito, a sombra embaixo dos veículos percebemos que se trata de uma cena à luz do dia, os elementos colaboram para que nós percebamos uma “selva de pedra”, não vemos pedestres, somente veículos. Ao refletir sobre esse cenário e seus componentes vê-se que isso traduz uma realidade social nesta “selva”, a condução de um crime e uma esposa que desabafa sobre os dilemas de seu casamento revela que é um lugar que cada um lida com as dificuldades impostas pelo dia-a-dia e como farão para atravessá-las expostas como uma metáfora no título e apontado no tópico um deste trabalho.



Figura 10: *Tungstênio*, 2014, p.22-23.

A figura dez, ilustra o momento em que Keira já expressa vontade de sair de casa, em decorrências dos conflitos vividos em seu casamento com Richard, do lado esquerdo da imagem podemos observar cenas de brigas, de muitas coisas quebradas, móveis em situação de deterioração, em cada cena os balões quadrados que são balões de narração de um pensamento dos personagens, que expressam neste caso, os sentimentos da Keira de querer sair daquela situação de um casamento desgastado. Há, em um dos balões em que está escrito:

“Já foi o tempo em que ela ficava só chorando...” e a cena da sequência é Richard dizendo: “hein? tá escutando?” Essa sequência evidencia a violência que o companheiro cometia contra ela, tema que será abordado no último tópico deste artigo.

Do lado direito da imagem vemos a personagem com a amiga Lúcia, nos balões, o narrador evidencia a palavra “goste” em negrito, como vimos também a palavra necessito na imagem anterior, também em negrito. Nesta perspectiva Paulo Ramos (2018) nos chama a atenção para a oralidade nos quadrinhos, chamada de função figurativa do elemento linguístico, agregando outro valor ou sentido, conforme o contexto da história, pode-se observar que devemos ter uma atenção maior sobre o que Keira diz ou quer para ela, evidenciando um momento conflitante do pensamento da personagem, ora as palavras “necessidade” e “goste” em negrito sugerem uma ação crise, sugere ato de negacionismo, um meio a querer se livrar da situação de um casamento frustrado e ter que permanecer nele por necessidade.

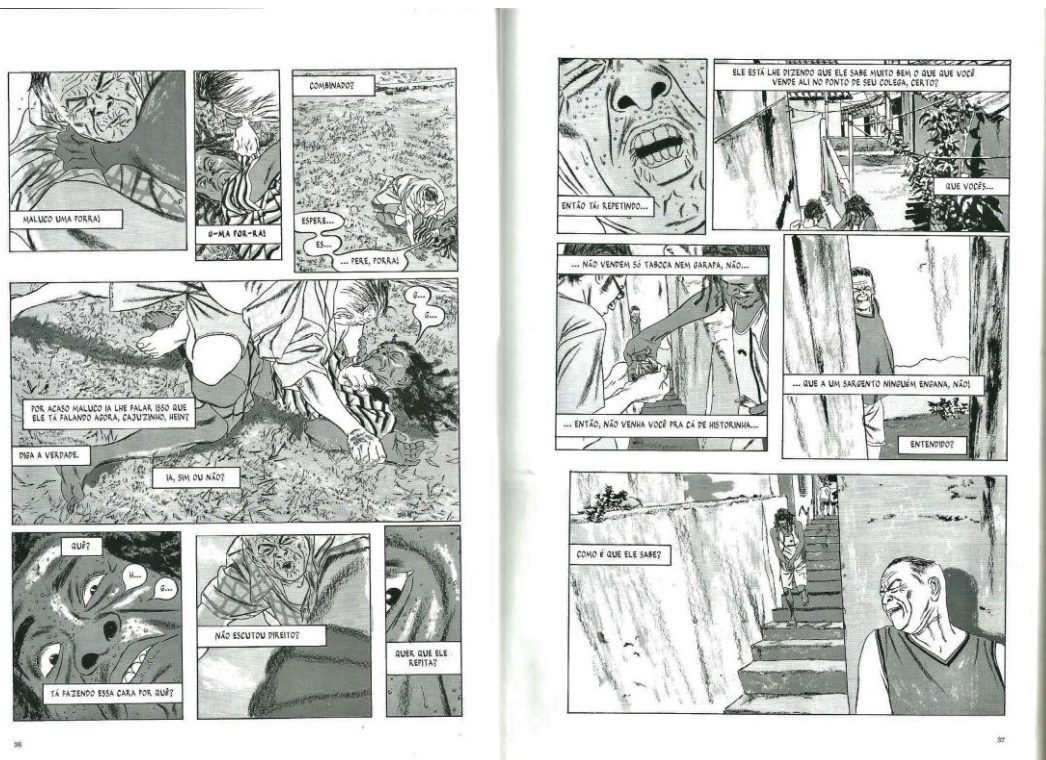


Figura 11: *Tungstênio*, 2014, p.36-37.

Na imagem onze, nos deparamos com o personagem Caju (Marcos Vinícios) em confronto com o Sr. Ney, os balões nos mostram como o ex-sargento deseja ser tratado,

momento de saudosismo da parte dele? Querendo ser tratado como superior por ele saber que Caju é envolvido com a venda de drogas, pois seu ponto não vendia só taboca⁸ ou garapa.

Neste sentido, consideremos as relações de desigualdade no Brasil, em cada estado e cidade do País há pessoas que lutam diariamente em seus empregos ou até mesmo buscam emprego pelo sistema social ser desigual, nos balões da imagem acima, podemos ter uma percepção de que Caju vive na periferia, está desempregado, ganha algum tipo de renda através das vendas, não somente de coisas que, perante a lei são legais, mas, dá-se a entender que faz vendas de produtos ilícitos, de modo que além dos produtos como a taboca nos balões quadrados denota que o Sr. Ney sabe que Caju vende drogas, a cena mostra o ex-sargento escondido atrás das paredes observando Marcos Vinícios passando saquinhos em um beco estreita com escadaria.

Porém, refletindo, Quintanilha leva a pensar sobre as relações desiguais, mas faço a provocação aqui de, pensar sobre essa imagem construída sobre Salvador ou a Bahia que, em meio aos paraísos sendo destacado: paraíso esse que é conhecido pelo turismo, há principalmente a pobreza presente predominando, um realismo social desenhado pelo autor. Cláudia Pereira Vasconcelos (2007) chama a atenção que o turismo na Bahia é um discurso visual para o empreendimento mas, o discurso sobre a pobreza de que a Bahia e até mesmo o Nordeste se faz mais presente hegemonicamente nas obras de literárias, nas músicas, etc.

⁸ Na Bahia é um doce tipo casquinha de sorvete em formato de canudo feito com consistência de hóstia, quase transparente. Antigamente o vendedor carregava um grande latão nas costas e tocava o triângulo (o mesmo dos trios de forró) anunciando a sua presença nos bairros. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/taboca/1305/>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

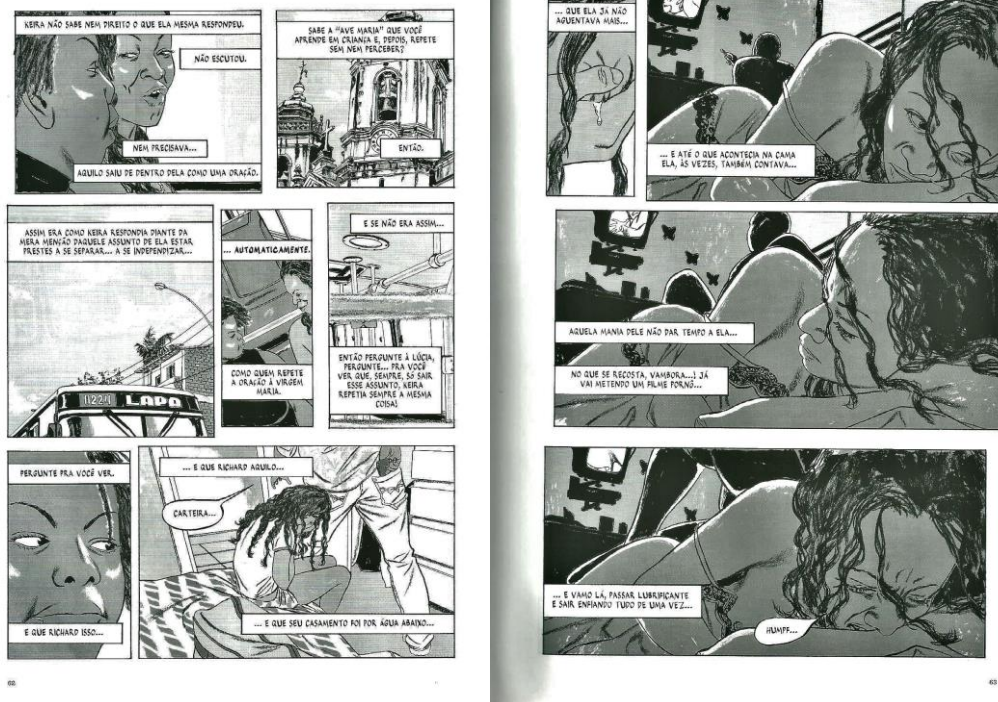


Figura 12: *Tungstênio*, 2014, p.62-63.

A figura doze, relata alguns momentos vividos por Keira em seu relacionamento, ela já está prestes a se separar. Nas cenas à esquerda aparecem alguns símbolos, como as torres de uma igreja católica presente na imagem do quadrado do canto superior direito, já no texto nos balões é feita referência à oração da Ave Maria, o conteúdo linguístico diz que ela sempre fala em estar prestes a se separar, uma fala automática como a oração da Ave Maria quando aprendemos quando criança, é uma oração automática, isto é, olhar quem foi Maria, a mulher escolhida por Deus para ser mãe de Jesus aquele que seria sacrificada para salvar a humanidade, de modo que seu sofrimento silencioso seria necessário. Ao olhar para Keira nota-se sua aflição por permanecer em um casamento complicado, ao referenciar o culto mariano à personagem observando a correlação de suportar o sofrimento.

Mesmo que na HQ não apareçam tantos outros elementos da Bahia, o autor coloca algo que é, talvez ainda, uma das características marcantes Salvador, como suas igrejas no que se percebe barroca pela estrutura física exposta na figura 12. Ora, como mencionado por Marcello Quintanilha em uma das entrevistas discutidas no primeiro item, a região que nos constituiu como nação, que trouxeram os portugueses impondo aos nativos sua cultura, costumes e religiosidade. As estruturas religiosas estão edificadas em Salvador, mas, o autor o coloca de modo repentino e único, os signos *Grafic Novel* estão talvez nos mais simples detalhes entre uma cena e outra.

Além disso, nas imagens da direita observa-se as violências sofridas por Keira, tanto a verbal quanto a física, chegando a ser forçada a ter relações sexuais com Richard. A história retrata temas da sociedade atual, tais como: a violência contra mulher. E, ao refletirmos sobre o período em que a HQ foi escrita, em 2003, é preciso que analisemos as intencionalidades existentes, os temas das histórias em quadrinhos pelo mundo a fora levam a leituras de nosso cotidiano, isso, por mais que tenha a ver com um mercado editorial vendedor de um dado produto que necessita atrair mais leitores e, consequentemente, faturar mais com as vendas, também pode ser considerado um fator para que possamos refletir sobre as circunstâncias que nos rodeiam. Sobre essa temática ainda vamos discorrer mais no terceiro tópico do presente trabalho.



Figura 13: *Tungstênio*, 2014, p.66-67.

A figura treze, mostra mais uma vez, cenas do cotidiano do casamento de Keira e Richard, à esquerda, nos quadros ao centro evidencia-se a personagem varrendo os cacos espalhados ao chão. Em um dos balões na imagem à esquerda está a informação que no começo das querelas entre o casal todos acreditavam que ela iria se separar, suportando tudo até ali para, caso sáísse do apartamento ficasse desamparada economicamente. A história de dificuldades econômicas de Keira acontece desde que morava com os pais, a mãe dela não achava boa ideia ela voltar a morar com eles, pois o pai era alcoólatra e fazia com que a situação na casa deles os pais também não fosse boa. Ao refletir sobre essa temática nos dias

atuais, pois, nas famílias socialmente empobrecidas, há facilidade para que haja uma falta de estrutura, pois, há fatores que contribuem negativamente para que isso ocorra, hoje, há mães ou pais que não são casados, cuidam de seus filhos sozinhos, ou até mesmo crianças que não moram com seus pais, moram com avós ou outros que ficam responsáveis pela guarda daquela determinada criança.

Além disso, podemos observar nos dois últimos quadros na imagem à esquerda a estrutura física das casas que Quintanilha desenha, são casas térreas e prédios pequenos de dois andares, instaladas em ruas estreitas, janelas em grades, fachadas deterioradas, dando a entender que se trata de áreas onde moram pessoas economicamente desfavorecidas.

2.2 MUSICALIDADE E SUA INTENCIONALIDADE IMPRESSAS EM *TUNGSTÊNIO*

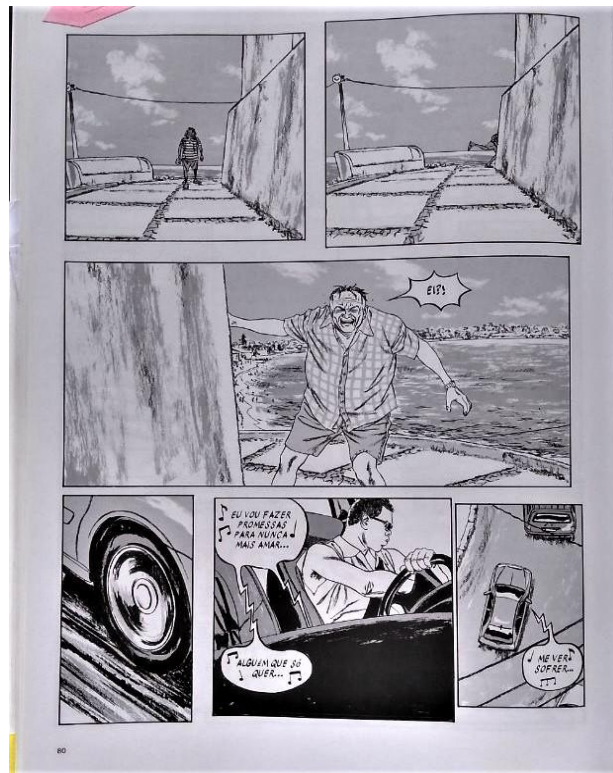


Figura 14: *Tungstênio*, 2014, p.80.

Claudia Pereira Vasconcelos (2007) e Durval Muniz Albuquerque Júnior (2009) além de escreverem sobre os discursos dos escritores da elite Tradicionalistas discorrem sobre o cancionário brasileiro, sinalizam como dele também sobressai o discurso sobre o Nordeste e a Bahia, reiterando estereótipos que contribuem para a construção da ideia de dois lugares onde imperam o latifúndio, de onde se brotam o atraso econômico, a miséria, a ignorância, as

dificuldades de se enfrentar a vida. Criando assim aberturas para um retrato desfavorável de modo que só se há pobreza e atraso, não havendo nenhum tipo de desenvolvimento. Essa sinalização a respeito das interpretações sobre o cancionário brasileiro feita pelos dois autores serve de sinalização para algo que também é um recurso bastante recorrente utilizado por Quintanilha em *Tungstênio*, especialmente nas páginas agora em apreço, que são as músicas. Assim sendo, refletiremos sobre as letras das músicas que aparecem na história, pois Quintanilha apresenta músicas desde a nacional até internacional, essa última pode ser fruto da morada do autor fora do país, ou o fato de os brasileiros fazerem consumo de músicas estrangeiras por meio do rádio e Tv, como por exemplo, os temas de novelas, séries e filmes.

Na figura quatorze vemos a primeira música que aparece na história, está sendo tocada no carro de uma das personagens que aparecem na praia com Richard, ele está a caminho da casa de Richard para pegar a mochila de serviço do policial, enquanto está dentro do carro a primeira música a ser tocada é intitulada “Coração”⁹ interpretada por Dorgival Dantas, que fala sobre um coração machucado, por sofrer de amor por alguém que não o corresponde.



Figura 15: *Tungstênio*, 2014, p.98.

⁹ Composição de Dorgival Dantas, em 2005. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/dorgival-dantas/coracao/>>. Acesso em: 02 jun 2021.

A segunda música que aparece na história é intitulada “100% você”¹⁰ na figura quinze, cantada pela banda baiana “Chiclete com banana”, a letra diz: “carnaval sem festa, um jardim sem flor é assim que me sinto longe do teu amor” de modo que para esse alguém não dá para viver sem a pessoa amada.

A fim de compreender o amor romântico presente nas músicas apresentadas em *Tungstênio* refletir conforme Marco Antonio de Deus Pontual (2017), em discussão com outros autores, é o meio de se construir uma ligação daquilo que se tornou um mundo individual, a propagação de algo como o amor, fosse necessário para uma sociedade que seria racionalizada. Em decorrência disso, representações sociais que moldam um conceito de acordo com as demandas interpretativas dos objetos musicais, significa que aspectos sociais e culturais integram as músicas de modo que o produto seja produtor de uma realidade. Isto é, a intencionalidade de Marcello Quintanilha ao colocar essas músicas onde na letra diz “praia sem mar” de modo que vem a aparecer o mar, deliberando determinado cenário e faz uma composição com a música para determinada cena. Os signos presentes em cada enquadramento tem seu papel para seduzir o leitor para a temática.



Figura 16: *Tungstênio*, 2014, p.108

¹⁰ Composição de Alexandre Peixe e Beto Garrido, em 2004. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chiclete-com-banana/108266/>>. Acesso em: 02 jun 2021.

A música na figura dezesseis também fala sobre amor, sobre se declarar, essa é intitulada “Words”¹¹ situada no primeiro quadro, no canto superior à esquerda da página. Na imagem, o amigo de Richard chega ao prédio do apartamento em que moram Richard e Keira, vemos a personagem sentada no sofá no momento em que ouve o interfone tocar, enquanto as pessoas que estavam pelas redondezas observavam o embate do policial Richard e os homens que faziam a pesca ilegal.



Figura 17: *Tungstênio*, 2014, p.176-177.

Já nas cenas acima, na figura dezessete, a música que está sendo tocada é intitulada “Sozinha”¹², interpretada por Noite Ilustrada, a letra da canção conta sobre um tipo de mulher que só se relaciona com o homem que puder lhe prover de bens, chorando suas mágoas, o homem “abandonado” da canção informa que foi trocado pelo doutor que ele havia chamado para “curar seus bichos-de-pé”. A cena nos conta o momento em que Marcos Vinícios (Caju) havia elaborado uma estratégia para o ex-sargento ser pego em flagrante pelo policial Richard, pois Caju, com a ajuda de outra pessoa inseriu drogas nos bolsos do Sr. Ney, mas, ao se deparar com este e a própria mãe juntos, Caju tem uma surpresa, pois sua mãe o havia dito

¹¹Composta por Marty Joe Kupersmith / Robert Fitoussi e cantada o por F. R. David, em 1982. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/fr-david/1025348/#radio:fr-david>>. Acesso em: 02 jun 2021.

¹² Composta por Lupicínio Rodrigues. A música no site disponibilizado não foi encontrado o ano de composição. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/noite-ilustrada/sozinha.html>>. Acesso em: 02 jun 2021.

que iria para a igreja. A música “Sozinha” também pode ser relacionada com a figura 16, de modo que observamos Keira sozinha sentada no sofá, pensando sobre o casamento abusivo, que permanece nesse casamento por conta de suas condições financeiras como discutiremos no próximo tópico.



Figura 18: *Tungstênio*, 2014, p.179.

A última cena que contém música é na página 179 da HQ, ilustrada na figura dezoito. Ela está sendo tocada no momento em que Caju descobre o caso amoroso de sua mãe com Sr. Ney, e decide não mais usar de sua estratégia para que o ex-sargento fosse autuado, então diz a Richard que se enganou e, que talvez, tenha visto um homem semelhante do outro lado do salão. Na cena, também, o Sr. Ney começa a falar sobre as máfias no Brasil, e menciona que se fosse contar sobre o que sabia já estaria morto, então a mãe de Caju o chama para contar sobre o assunto no salão enquanto dançam, esta fala sobre as máfias é a mesma em que ele diz a Caju antes do acontecido com as bombas na pesca em que decide denunciar.

A cena é ilustrada com a música intitulada “Você abusou”¹³, a letra da canção discorre sobre a pessoa que se aproveita dos sentimentos da outra e abusa disso para benefício próprio, nesse sentido, sinalizando a situação de Caju, sua mãe e o Sr. Ney, o sentimento de surpresa

¹³ Composta por Antônio Carlos e Jocaí, em 1971. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/antonio-carlos-e-jocafi/472558/>>. Acesso em: 02 jun 2021.

expresso no rosto de Caju, no primeiro quadro a esquerda da figura trazendo sensação de traição sofrida por não saber do envolvimento da sua mãe com o ex sargento.

Todas as músicas apresentadas até aqui são compostas por um cenário e uma cena, falam sobre amor, duas delas são samba, uma é axé, outra pop estrangeira e uma outra é um forró, são ritmos diferentes, mas que contextualizam as cenas. Se pararmos para observar, a narrativa ora analisada envolve um drama que cerca o casamento de Keira, que está na indecisão sobre manter seu casamento com Richard, as músicas de ritmo de samba aparecem nos momentos finais em que ela resolve continuar com Richard e vai até o forte, e em um outro momento em que Caju descobre que sua mãe está envolvida com o Sr. Ney.

As músicas “Sozinha” e “Você abusou” apresentam uma estereotipização sobre a mulher, colocando uma analogia negativa sobre o feminino. As outras três: “100% você”, “Words” e “Coração” falam sobre a necessidade de amar, ou um amor que prejudique, mas que a pessoa amada é necessária, se analisarmos essas músicas, elas contextualizam o relacionamento de Keira e Richard. Pode-se dizer que Quintanilha, ao escrever essa história pensou na conexão entre as músicas e a história, elas contextualizam sobre o universo ali descrito.

Ao refletir sobre o relacionamento da mãe de Caju com Sr. Ney, sendo ela mulher negra, pobre e viúva, e o ex-sargento um homem branco, um relacionamento que acontece em segredo, a relação interracial podendo ser causada por falta de parceiro, sendo que o homem negro tem taxa de mortalidade alta no Brasil, e no caso de uma ascensão econômica este prefere casar-se com uma mulher branca, a fim de uma aceitação social, em conformidade com isso:

No Brasil Colônia o direito de propriedade de senhor também se estendia ao corpo de suas escravas. A moralidade da época não permitia ao senhor realizar seus desejos sexuais com sua sinhá, então ele elegia a negra para praticar luxúria e fornicação. Também na literatura, a negra foi relegada a personagens anti-heroicos, raramente eram protagonistas e quando eram, frequentemente estava representadas por personagens quentes, exibicionistas, moralmente depravadas, corpulentas e voluptuosas. (OLIVEIRA; SANTOS,2008, p.9).

Assim sendo, Ilzver de Mattos Oliveira, Nayara Cristina Santana Santos (2008), discutem sobre a solidão da mulher negra, decorrente de um processo histórico, no período da Brasil colonial, os homens brancos elegiam uma mulher negra para práticas sexuais antes do casamento com uma mulher branca, também na literatura sua imagem era construída de forma negativa, evidenciando também uma sensualidade exagerada.

2.3 AS IDENTIDADES E AS TEMÁTICAS EM *TUNGSTÊNIO*

Por meio dessa análise da fonte se percebe alguns elementos da *graphic novel*, tais como gírias ou expressões, nada muito exuberante como discutem os teóricos em que nos atentamos até o presente momento, bem como nas produções que constroem estereótipos.



Figuras 20 e 21: *Tungstênio*, 2014, p.157-158.

A fim de aprofundar um pouco sobre esta formulação de pensamento, nas figuras 20 e 21 vê-se um breve momento sobre as linguagens expostas de um diálogo entre Caju e seu parceiro Bisonho, as drogas, a linguagem para se referir às drogas na figura vinte e um é utilizada a palavra “branco”, outra expressão utilizada pelas personagens é “caixa e vela”, atentemos que o autor coloca ao lado das expressões o símbolo asterisco, e ao final da página coloca o significado delas. Em balões nos mostra outros aspectos, nessa mesma página, Caju usa as palavras “painho” e “mainha”, expressões essas muito usadas por baianos para se referirem ao pai e a mãe em algumas regiões da Bahia. Posto isso, a linguagem seria como um grande ecossistema (seria um campo com diversas maneira ou gírias para se comunicar) conforme Paulo Ramos (2018), essa preencheria características próprias de um ambiente, então, cada região uma particularidade na fala da língua portuguesa, a maneira como Quintanilha conduziu a linguagem na história compôs seu ambiente próprio seguindo seu olhar sobre a oralidade do soteropolitano.

Desde que o pai de Caju faleceu a mãe dele, vai sempre ao culto, na figura vinte e dois ao lado direito acontece todo um diálogo com Caju e a mãe sobre a ida dela à igreja e sobre não perder um dia do culto “corrente das famílias”, ao fim deste diálogo ele pede a bênção. A identidade criada aqui, é a de uma família religiosa, periférica, e sem nenhuma perspectiva de ascensão socioeconômica. Os elementos aqui, dessa Salvador que Quintanilha desenha, não aparecem os estereótipos criados autores da literatura, ou musicalidade ou pesquisadores como, por exemplo, a exaltação da sensualidade, mas, por outro lado, o pobre está nitidamente focado, de modo que não se apresenta um sertão pobre, e sim de uma cidade de pedra que seus personagens não apresentam nenhum status de ascensão econômica. Podem não aparecer componentes fortes sobre os aspectos de uma Bahia que são transmitidos como nas Tvs, podendo nos levar a refletir que Quintanilha foi cuidadoso por não conhecer a cultura ou simplesmente pode ser sua intenção não usar destes, por considerar que não tinha relevância ou não querer criar um modelo padrão como se houvesse apenas aquilo naquela região, dos quais já foram elaborados em telenovelas.



Figuras 22: *Tungstênio*, 2014, p.173.

A figura vinte e dois mostra a chegada do Sr. Ney em um local onde as pessoas vão para dançar, este lugar é chamado “Casquinha”, neste momento, o rapaz, a mando de Caju, por um tapa que recebeu no rosto, implanta drogas no bolso do ex-sargento, para criar o flagrante e ele ser pego pela polícia. Chamando para o fato, também, dessa história em

quadrinho analisada neste trabalho não ser colorida, então os aspectos físicos das pessoas negras são traçados com tonalidades mais escuras, como podemos observar.

A questão da identidade baiana que o autor produz é muito sutil, ele não faz uso dos modelos padrões constituídos por outros autores:

As imagens da Bahia, associadas principalmente à mestiçagem, à alegria, à sensualidade e à religiosidade, marcadas pela origem africana, foram construídas e organizadas, sobretudo, a partir da literatura de Jorge Amado, da música de Dorival Caymmi e de todo um aparato acadêmico, artístico e televisivo reunido em torno deles. Esse conjunto de referências produzira um forte referencial imagético-discursivo no qual a Bahia é vista para o Brasil e para o mundo, até os dias de hoje, como um lugar emblemático de felicidade (VASCONCELOS, 2007, p.71).

Isto é, o poder discursivo reproduzido nas literaturas como, por exemplo, nas obras de Jorge Amado simbolizam um grande referencial imagético, no qual é visto e reproduzido cada vez mais. Refletindo sobre a história *Tungstênio*, esse discurso imagético pode estar presente em pequenos detalhes, trabalhados de forma sutil, como a criação de uma imagem de uma Salvador pobre, pois há momentos em que evidenciar Caju um rapaz de periferia que não apresenta uma renda fixa e fica vagueando pelo forte, subentendendo-se que seria um dia da semana, pois o senhor Ney indaga-o que quando está de folga ele vai à praia, retrata a pobreza, mas que, apesar disso ele vive na tranquilidade, ao retratar os personagens Keira e Marcos Vinícios, advindos de famílias humildes.

Somente na linguagem é que temos uma percepção de baiano que Marcello Quintanilha tem, em alguns momentos as expressões: oxe, rei, oxente, nêga, véio, neguinho, através da linguagem coloquial ele mostra que fez uma pesquisa maior para inserir nas personagens características do que considera fazer parte do cotidiano baiano, fazendo pensar que, durante seu tempo em que estava em Salvador a trabalho, pesquisou e observou como os soteropolitanos se comunicavam, isso nos leva a outra questão, pois durante a história, em grande parte, usa-se palavras que são consideradas pela sociedade brasileira como vulgares, palavras para xingamentos ou para expressar raiva, ou seja, essas palavras, por serem usadas o tempo todo causam uma interpretação de um grupo social que não possui escolaridade ou algum tipo de instrução escolar, de modo que, observando atentamente, também vê-se “erros” de escrita como, por exemplo, Broder, que é uma palavra em inglês que traduzida significa irmão, da qual é escrita Brother.

Com relação às temáticas desenvolvidas em *Tungstênio* são temas que estão e geram debates na atualidade, as drogas, doenças sexualmente transmissíveis (DST) aqui na história aparece em um panfleto a AIDS, outro tema é o crime ambiental, a pesca ilegal, a

desigualdade social, a retratação de um grupo social pobre, e por fim, a violência contra a mulher.

O primeiro tema que aparece na história é o crime ambiental, a pesca ilegal. Na sociedade atual observa-se o desmatamento, espécies de animais que estão em extinção, no caso da pesca aqui exibida que podem levar à extinção de certas espécies de peixes. A desigualdade social, a estrutura de um sistema capitalista que desfavorece a mão de obra, em muitos casos uma estrutura de um sistema econômico que causa desemprego, que pode conduzir um grupo à criminalidade.

A AIDS, que por falta de campanhas de conscientização, orientação causa a proliferação da doença, que com a busca do tratamento adequado a perspectiva de vida pode aumentar gradativamente. O uso de drogas ilícitas também é uma temática recorrente de discussão em nossa sociedade atual, pela liberação ou não como, por exemplo, da maconha.

A violência contra mulher está no ápice nos dias atuais, pois os casos de denúncia e morte aumentam gradativamente, o Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), aponta um aumento de 54% em dez anos no número de homicídios de mulheres negras, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013¹⁴. No site *Uol* ainda diz que

“A influência do machismo nessas mortes é muito grande porque no Brasil, até pouco tempo, havia uma justificativa legal para o homem matar uma mulher que o traísse, por exemplo. É uma questão cultural que você não muda como quem muda de roupa. O Brasil é uma sociedade extremamente patriarcal.” (WAISELFISZ, 2015, apud. PRAZERES, 2015).

Leandro Prazeres (2015) analisa os dados sobre a violência contra mulher no Brasil e ainda destaca que as influências do machismo presente na sociedade brasileira, que as violências sofridas pelas mulheres é justificável, lembrando ainda que no ano de 2003 a lei 11.340 intitulada Lei Maria da Penha só foi sancionada em 2006, de modo que ainda não havia um lei em 2003 que protegia as mulheres. Os dados acima destacam números sobre o homicídio as mulheres negras e seu acréscimo entre 2003 a 2013, estes dados são relevantes para observar sobre a visão que Quintanilha trabalha voltado para essa temática na HQ *Tungstênio* quando desenvolve em sua história uma mulher que sofre com um casamento abusivo, com a violência do marido sobre ela, de modo que no tópico a seguir discutirei mais sobre a relação desigual de gênero sobre os personagens Keira e Richard.

¹⁴ Estes dados foram retirados de uma pesquisa no site da Uol. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/09/entre-2003-e-2013-taxa-de-homicidios-de-mulheres-aumenta-88-diz-estudo.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2021

3 A RELAÇÃO DESIGUAL DE GÊNERO TRAÇADA EM *TUNGSTÊNIO*



Figura 23: *Tungstênio*, 2014, p.65.

A figura vinte e três descreve o que todos os que participavam do círculo de convivência de Keira pensavam sobre ela dizer que se separaria de Richard, nos dois quadros ao meio no canto esquerdo da imagem expressa o que todos pensavam da personagem, no balão quadrado expressando o seguinte pensamento “diziam que, se cada vez que Keira dissesse que ia separar ela desse um real a cada um...”, “...a galera já tava rica”. Nesse sentido, a fim de compreender e construir uma base analítica sobre a temática, neste último ponto será tratado sobre a relação desigual de gênero com base nas personagens de Richard e Keira em *Tungstênio*. Richard homem negro, policial e Keira mulher negra, e dona de casa. Conforme Joan W Scott (1989)

[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 1989, p.28)

Ou seja, o conceito de gênero sofre alterações de acordo com as relações de poder, com a organização do feminismo, a luta pela busca de melhoria para as mulheres e suas ações refletirem nas relações sociais, havendo rejeições e repressões por parte das relações de poder

político, pois, a desigualdade está incorporada em todo sistema de relações sociais. É a organização de luta do movimento feminista que começa a dar voz à discussão sobre o conceito de gênero perante aos historiadores, antropólogos e psicanalistas.

Essas interpretações estão baseadas na idéia de que as linguagens conceituais empregam a diferenciação para estabelecer o sentido e que a diferença sexual é uma forma principal de significar a diferenciação.⁴⁸ O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1989, p.32)

Isto significa que, o conceito de gênero é o que diferencia socialmente as pessoas, pois, para Joan W. Scott o gênero tem suas interpretações baseadas no discurso envolto de relações complexas, de modo que compreender a natureza deste conceito seria entender todas as particularidades que se situam em contextos como a construção do gênero nas relações de poder. Entender sobre o estudo de gênero é preciso para que possa contextualizar melhor a relação de Richard e Keira em *Tungstênio*.



Figura 24: *Tungstênio*, 2014, p.132-133.

Na figura vinte e quatro, observamos as cenas de brigas do casal, a construção de uma imagem de violência doméstica, à esquerda no canto superior e ao centro da imagem temos a percepção que Richard segura Keira com força e ao se deparar com o olhar de raiva de seu

marido ela começa a reagir usando de objetos como porta retrato e copo, jogando-os na direção dele. No quadro inferior da imagem à esquerda vemos a expressão do olhar de Richard que se vê surpreso, que ela é capaz de reagir àquela situação de violência.

Na página 133 do quadrinho, no quadro superior da imagem à direita, ao lado do quadro em que o copo aparece quebrando ao colidir com a parede, o enquadramento mostra Keira jogando o copo em direção a Richard e nesta cena o balão do narrador diz: “ela não nasceu para vomitar um monstro de dentro dela dia sim, dia não.” A cena ainda indica outras coisas no chão como sendo reflexos da briga do casal, estes elementos nos contam que são recorrentes as brigas, e mais do que isso é que a personagem ainda tem que mostrar um lado monstruoso para enfrentar as agressões com as quais frequentemente, a palavra vomitar em destaque dá esse sentido, de que Keira tira forças de modo inesperado, de maneira a forçar-se para se defender.

“Mesmo ficcionais, as imagens dos quadrinhos apresentam mensagens de forte apelo, compostas por significados que nos interessam ser compreendidos, pois podem representar, em certa medida, práticas sociais reais de violência de gênero” (SOUZA, 2016, p.95), isto é, conforme a autora Karine Freitas Souza, através dos quadrinhos, podemos observar os indícios e um apelo contra a violência à mulher de modo que esta seja uma prática social que acontece em nosso meio.



Figura 25: *Tungstênio*, 2014, p.140-41.

[...] A “mulher é necessária à medida que permanece uma ideia em que o homem projeta sua própria transcendência; mas que é nefasta enquanto realidade objetiva, existindo por si e limitada a si” (1980, p.231. apud SOUZA, 2016, p.85). Ou seja, a necessidade de se ter a mulher é a partir do que o homem projeta sua inteligência extrema, subjugando a mulher a ser sua dependência e não ter a sagacidade superior a sua. Em correlação com isso, nas cenas da figura vinte e cinco, observa-se o tipo de relação que Richard tem com Keira, de maneira que se pode ver na imagem no canto superior à direita há um enquadramento contínuo de Richard com outras mulheres, à esquerda na imagem no canto superior nos balões de narração explica que as brigas são, desde o início do namoro, em todo lugar, até mesmo em lugares públicos como posto de gasolina. Já na figura à direita no quadro onde Keira está sentada na cama, o balão de narração de seu pensamento diz “fique você sabendo que eu só casei com você pra sair de casa”, no quadro a seguir no outro balão diz “pra não ter mais que ver meu pai cheio do pau todo santo dia” de forma que a explicação por ela continuar naquela situação vem no ultimo quadro da página no balão, de só permanecer com ele por não ter um emprego para que possa se manter sozinha.

Essas situações narradas fazem transparecer que Richard se coloca como superior com relação à esposa, pois, a maneira como ela se encontra neste relacionamento sem trabalhar, sendo dona de casa e sustentada por ele, o coloca como controlador dela, de modo que a situa subserviente e inferior a ele, se sentido, por isso, no direto de agredi-la. Ela, se sentindo totalmente presa a ele pelo fato de não poder voltar para casa, como já vimos no tópico anterior deste artigo, tendo isso em vista, Ilzver de Matos Oliveira e Nayara Cristina Santana Santos (2018) contribuem para a compreensão da personagem Keira se sentir controlada pelo marido, pois seria impossível negar, na concepção das autoras, o acúmulo de quase quatro séculos de um regime escravocrata, nele, compreende-se anos de torturas, humilhação e violências de toda ordem que as mulheres negras sofriam, as dimensões da vida em sociedade estão contaminadas pelas influências econômicas, políticas e culturais das ideologias dominantes, somos afetadas direta e indiretamente pelo que é produzido em novelas, filmes, nos mercados publicitários, no mundo da moda, a nossa concepção e visão de mundo são produzidas socialmente, Keira é uma mulher negra que não tem a percepção que não se atina na construção de algo melhor para sua vida, está envolta num pensamento onde seu obstáculo é Richard, ele que a sustenta, as pessoas de seu convívio social que não a amparam como já se

viu na figura vinte e três, no início deste tópico, a mãe dela que já tem que lidar com o esposo alcoólatra, a personagem não se vê com nenhuma perspectiva de sair desta situação.

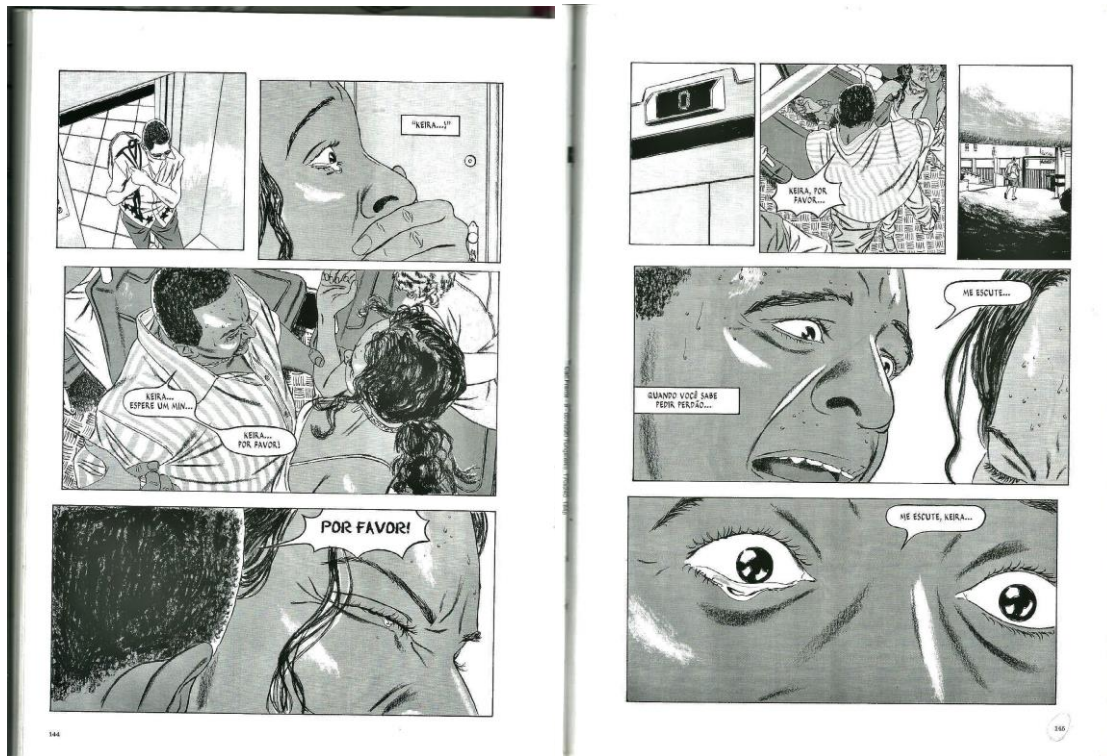


Figura 26: *Tungstênio*, 2014, p.144-145.

A figura vinte e seis, descreve o momento em que Keira ao ver a porta fechar após Hernane ter contado o que estava acontecendo com Richard no Forte e ir embora com a mochila que Richard havia pedido para ele buscar em sua casa, ela desce desesperada para ver se consegue alcançar o amigo de seu marido. A cena à esquerda mostra Hernane no elevador, a porta do apartamento fechada, ao centro Richard tentando se explicar para Keira logo após o ônibus passar em frente ao local onde ele estava traindo a esposa e ela flagrando a cena. Esta cena em questão é a continuidade das páginas anteriores, Quintanilha gosta de “brincar” com esses jogos de cena, em um momento em que estamos presenciando um episódio ele coloca um outro momento, não sendo sequencial ao contar a história, voltando com a continuação de um contexto que havia começado antes.

Tudo isso acontece para que percebamos o que Quintanilha quer transparecer nesta personagem, um momento conflitante em que ela vive relembrando de tudo o que aconteceu durante seu casamento com Richard, o conflito dentro dela em lembrar que ele pode ser carinhoso apesar de tudo, que ele sabe contornar a situação a seu favor. Isso nos insere na teia

em que Richard entrelaçou Keira, e que isso é um debate importante na sociedade brasileira hoje, a maneira como a violência provocada pelos homens sobre as mulheres que são suas companheiras causam não apenas cicatrizes físicas, mas também danos à autoestima delas devido à violência psicológica sofrida, de modo em que as mulheres acabem por se sentirem incapazes de viver sozinhas produzindo sensação de desamparo.



Figura 27: *Tungstênio*, 2014, p.146-147.

Na figura vinte e sete, é quando a personagem de Keira decide ir até onde o marido está enfrentando os criminosos no forte, na imagem à esquerda no primeiro quadro Keira está chorando e aparece a frase “me perdoe” a Richard advinda do diálogo anterior presente na figura vinte e seis, o que chama a atenção é palavra “por favor” em destaque escrita em letras maiúsculas, Keira neste momento sai correndo para ver se alcança Hernane para se justificar com o marido, momento este que será discutido mais adiante. Nesta perspectiva, de aprofundar melhor e refletir sobre o comportamento opressor que Richard coloca sobre Keira, Carla Akotirene (2018) contribui com o conceito de interseccionalidade, no viés de explicar os vários pontos de vista sobre as opressões que enfrenta a mulher negra aplicados aos conceitos de raça, gênero e classe

[...] é o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra as identidades produzidas durante a interação das

estruturas, que seguem atravessando os expedientes do direito moderno discriminadas a dignidade humana e as leis antidiscriminação. (AKOTIRENE, 2018, p.54)

Isto significa que, para a autora o despeito com relação à falta de direito promovido pelo racismo e sexismos institucionalizados pela estrutura do padrão colonial moderno se sobrepõem aos direitos e as leis antidiscriminação, Carla Akotirene ainda discorre sobre as diversas lutas que o feminismo teve a fim de promover uma intervenção política para que houvesse um olhar para essas dimensões das restrições e discriminações dos direitos a mulher negra, seja de raça gênero e classe.

O que isso tem de fato a ver com a história em quadrinhos, mais precisamente com relações aos personagens Richard e Keira? É que a interseccionalidade também compara as chances da mulher negra e o homem negro no mercado de trabalho. Comparada ao homem, a mulher sofre mais com a falta de emprego já que a discriminação de gênero conta também como um fator de desigualdade entre homens e mulheres, mas que nem todas as mulheres negras e homens negros são excluídos da indústria do mercado de trabalho.



Figura 28: *Tungstênio*, 2014, p.148.

Na figura vinte e oito, observamos a expressão de uma mulher desesperada, depois que Keira acaba com seu conflito interno, naquele momento ela desce as escadas do prédio às pressas a fim de alcançar Hernane, mas ao chegar à rua vê que ele já tinha partido e se dá conta de que não estava com o celular para ligar para o amigo de Richard e dizer que quer ir junto, então grita por um táxi e sai às pressas para chegar até o forte.



Figura 29: *Tungstênio*, 2014, p.164.

A figura vinte e nove, demarca o momento em que Keira chega ao forte, as expressões de uma mulher desesperada estão evidentes, Quintanilha nos emite a aparência de uma mulher totalmente frágil e dependente de um homem. Mostra uma mulher totalmente dominada pelo marido, a fim de enfrentar o perigo, de maneira que Romildo um dos amigos de Richard que aparece com ele na figura 5, tenta impedi-la de chegar perto da luta em que seu marido está naquele exato momento. Romildo a alerta do perigo enquanto ela grita pelo nome de Richard, o alerta dele diz: “Calmou, aí, garota! Ei! Não bote lenha mais do que já tá, tá escutando? É muito perigoso, tá escutando? Se sobra tiro ali...”. Mas a personagem demonstra resistência em permanecer ali imóvel.



Figura 30: *Tungstênio*, 2014, p.168-169.

A Figura trinta, apresenta a conclusão da história desse casal na trama de *Tungstênio*, à esquerda na imagem vemos a palavra “nunca” sendo repetida muitas vezes em balões que estão ligados do início ao fim, rosto choroso de Keira demonstra sensação de medo por parte dela, em perder Richard, na página da direita o diálogo dela continua com a palavra nunca afirmando que nunca procurou um fiador, nos quadros ao centro, ainda nos balões só que desta vez o de narrador do pensamento da personagem vem as seguintes frases “como alguém pode magoar teus olhos...?” e o olho de Richard na cena evidencia o olhar do policial machucado, no quadro ao lado no balão a continuação do pensamento de Keira escrito no balão “teu olhar é santo Richard...”.



170

Figura 31: *Tungstênio*, 2014, p.170.

Aqui finalizamos as cenas do casal na HQ, a figura trinta e um apresenta o fim do dilema de Keira daquele dia, onde os momentos de dizer a si mesma que só estava com ele pelo fato de ser necessário naquele momento de sua vida, que apesar das brigas ele sabia como ser carinhoso nas reconciliações, na imagem acima se vê uma lágrima escorrer de seu rosto ao beijar o marido, aqui fica mais evidente ainda como Richard se julgava superior a ela, quando antes do momento do beijo, ele afirma que sabe que ela nunca procurou um fiador.

O que as figuras vinte e oito, vinte e nove, trinta e trinta e um expressam? Elas exprimem as estruturas que foram construídas ao longo da história na relação do homem e da mulher, no sentido de que o homem é o sexo forte e a mulher o sexo frágil, a indefesa que precisa ser protegida, aquele que não tem intelecto superior com relação ao sexo oposto. Porque Keira decide permanecer com aquele que a trata sempre na base da violência?

Discorremos até aqui como o mundo patriarcal estabeleceu que as mulheres, principalmente a negra, que mesmo com os reflexos da luta das mulheres, o feminismo, as campanhas que aparecem na Tv durante comerciais entre um programa ou outro, suas

denúncias são consideradas ilegítimas, pois, o sistema do poder político vai contra elas, a imagem de Keira se jogando nos braços de Richard nos remete aos discursos da atualidade quando a mulher não se separa do agressor por não querer ou porque gosta de apanhar. Esquecemo-nos que, para além de não ter uma estrutura econômica, estas mulheres estão envoltas por discursos psicológicos em que seus parceiros ou outras pessoas de seu convívio social, colocam na cabeça delas, como por exemplo, sem ele, elas não têm como se sustentar, não tem para aonde ir, e mais, que elas seriam incapazes de conseguir ser mulheres independentes, pois o poder e as políticas públicas não as favorece em nenhum sentido.

As autoras utilizadas neste tópico ajudaram a refletir como as desigualdades e a falta de direitos por parte da mulher se estabeleceram neste mundo patriarcal com padrão colonial estruturado, por meio dos conceitos de gênero, classe e raça. Neste viés, compreende-se que as mulheres sofrem preconceito por conta de sua cor por ser negra, de classe, pelo fato de ser a maioria pobre, e de gênero por serem mulheres consideradas como sexo frágil, as lutas contra um poder político que desfavorecem elas estão posta ao longo da história este debate se perdura ao longo do tempo, fora e dentro da academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A pesquisa e produção deste artigo teve o intuito de contribuir com os estudos que versam sobre as histórias em quadrinhos, de maneira que possa contribuir para levar um debate para o meio acadêmico com uma HQ brasileira sobre uma cidade específica que é Salvador, no sentido de colaborar com uma análise sobre a linguagem construída pelo autor de *Tungstênio*.

Neste sentido, a reflexão sobre a biografia do autor ajudou a entender que apesar de ser um brasileiro morando fora do país de origem, Marcello Quintanilha aprendeu como construir um personagem ou uma história dando sentido de verossimilhança com anos de aprendizagem nas editoras em que trabalhou, utilizando de temáticas sobre o cotidiano brasileiro para escrever histórias em que desse um sentido de aproximação por parte do/a leitor/a perante a leitura de suas obras.

Quintanilha teve muito cuidado para não criar estereótipos em *Tungstênio* partindo da análise da fonte, observou-se que o autor criou uma Salvador a partir de uma observação criteriosa, nota-se que criou uma cidade urbana que, para além disso, mostrar uma realidade social sob o ponto de vista de seu criador, por meio do quadrinho que envolve suas inquietações como as temáticas da AIDS, da violência contra a mulher, a estrutura social que

desfavorece a maioria empobrecida fruto de fatores longevos e diversos presentes na distribuição econômica desigual da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS:

- AKOTIRENE, Carla. *O que interseccionalidade?*. Belo Horizonte/MG: Letramento, 2018.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *O espaço da saudade*. In.: _____. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009. p.78-206.
- ALBERTI, Verena. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. v.4, n.7, 1991. p. 66-88.
- AVELAR, Alexandre de Sá. *A biografia como possibilidade de escrita histórica*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- CAFEINA ZINE. *Marcello Quintanilha e a habilidade de se reinventar a cada HQ*. Disponível em: <<https://medium.com/cafeinazine/marcello-quintanilha-e-a-habilidade-de-se-reinventar-a-cada-hq-daed965b4536>>. Acesso em: 12 Jan.2019.
- Canal Pipoca & Nanquim. *A premiada obra do brasileiro Marcello Quintanilha | Pn Especial #69*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ssHmoiTf23Q>>. Acesso em: 23 fev 2020.
- Canal Tocomfome Cast. *Marcello Quintanilha - Papo com Pelota*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vh9upfG9Ns>>. Acesso em: 25 Fev. 2020.
- GATTO, Ana Clara. *Análise documental de imagem: uma leitura das contribuições semióticas*. RDBCI: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf. V.16, n.1, Campinas, SP, 2018. p. 39-55.
- KNEIPP, Valquiria Aparecida; MORAIS, Renato Ferreira de. *Tele-solidariedade em família nas tardes de sábado da Globo: um estudo sobre o caldeirão do Huck e o estrelas solidária*. Palmas: Revista Observatório, v.5, n.6, 2019. p.857-885.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- MORGADO, Alexandre. *Marcello Quintanilha: o mestre da narrativa!* Disponível em: <<http://coleccionadoresdehq.com.br/marcello-quintanilha-o-mestre-da-narrativa/>>. Acesso em: 01 Fev. 2020.
- OLIVEIRA, Ilzver de Matos; SANTOS, Nayara Cristina Santana. *Solidão tem com? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras*. Aracaju: Interfaces científicas, v.7, n.2, 2018. p. 9-20.
- PONTUAL, Marco Antonio de Deus. *Representações sociais do amor romântico nas mais tocadas nas rádios brasileiras em 2015*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2017.

PRAZERES, Leandro. *Entre 2003 e 2013, taxa de homicídios de mulheres aumenta 8,8%, diz estudo*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/09/entre-2003-e-2013-taxa-de-homicidios-de-mulheres-aumenta-88-diz-estudo.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos Quadrinhos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

QUINTANILHA, Marcello. *Todos os Santos*. São Paulo: Veneta, 2018.

RICOEUR, Paul. Da memória e da Reminiscência. In:_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas-SP: Unicamp, 2007. p.25-70.

SOUZA, Karine Freitas. *Dona das dores no laço da verdade: violências contra mulheres trabalhadoras nos quadrinhos*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press. 1989.

TODOROV, Tzvetan. Voltar. In:_____. *O homem desenraizado*. Tradução Cristina Cabo. Record. 1999. p.11-29.

THOMPSON, E. P. *O termo ausente: experiência*. In:_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução Waltensir Dutra. ZAHAR Editores. Rio de Janeiro: 1981. p.180-200.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Um jeito que nenhuma terra tem*. In:_____. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. 2007. Dissertação (Programa multidisciplinar de pós-graduação em cultura e sociedade) – Universidade Federal da Bahia, 2007, p.72-104.

VELOSO, Taís. *Entrevista com Marcello Quintanilha: Quadro a Quadro*. Disponível em: <quadro-a-quadro.blog.br/entrevista-com-marcello-quintanilha/>. Acesso em 12 Dez. 2019.

WALDOMIRO, Vergueiro. *Pesquisas acadêmicas em histórias em quadrinhos*. São Paulo: Criativo. 2017.